

COMISSÃO PARLAMENTAR DE INQUÉRITO

**VIOLAÇÕES DOS DIREITOS HUMANOS NAS FACULDADES
PAULISTAS**

PRESIDENTE

DEPUTADO ADRIANO DIOGO – PT

27/01/2015

CPI

VIOLAÇÕES DOS DIREITOS HUMANOS NAS FACULDADES PAULISTAS

BK CONSULTORIA E SERVIÇOS LTDA.

27/01/2015

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Com a presença dos deputados Fernando Capez, Carlos Alberto Bezerra Junior, Sarah Munhoz, Marco Aurélio de Souza e Adriano Diogo, declaro aberta a Comissão Parlamentar de Inquérito das Violações dos Direitos Humanos nas Faculdades Paulistas. Havendo número regimental, declaro aberta a 14ª Comissão Parlamentar de Inquérito constituída pelo Ato nº 56, de 2014, com a finalidade de investigar as violações de Direitos Humanos e demais ilegalidades ocorridas no âmbito das Universidades do Estado de São Paulo, ocorridas nos chamados trotes, festas e no seu cotidiano acadêmico. Registro a presença, novamente, dos deputados Fernando Capez, Carlos Alberto Bezerra Junior, Sarah Munhoz, Marco Aurélio de Souza e Adriano Diogo, na presidência. Havendo número legal, passemos aos requerimentos. Eu solicito ao secretário a leitura da ata da reunião anterior.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Senhor presidente, pela ordem.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Pela ordem, deputado Marco Aurélio de Souza.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Eu requeiro a dispensa da leitura da ata da sessão anterior.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – É regimental o pedido de Vossa Excelência. Então, passemos à leitura dos requerimentos. Com a palavra, o deputado Fernando Capez.

O SR. FERNANDO CAPEZ – PSDB – Procedendo à leitura dos requerimentos. Requerimento nº 36: Convocação de Antônio Carlos Lopes, professor da Unifesp, presidente da Sociedade Brasileira de Clínica Médica. Justificativa: O requerimento tem por objetivo a prestação de informações, por parte dos requeridos, que ajudem a esclarecer eventuais casos de violações de direitos humanos na Unifesp, no âmbito desta CPI.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Em função, em votação, aprovado. Os deputados que concordarem com essa convocação permaneçam como estão, aprovado. Eu passo a presidência ao deputado Fernando Capez, porque, na medida em que é o autor da maioria dos documentos, eu peço que o deputado Fernando Capez assuma a leitura e o encaminhamento de votos de todos os requerimentos para que possamos dar continuidade a esta sessão. Com a palavra, o deputado Fernando Capez.

O SR. FERNANDO CAPEZ – PSDB – Tendo em vista que o subscritor de todos os requerimentos é o presidente desta CPI, assumo então, por designação de Sua Excelência, a presidência durante a leitura e votação dos requerimentos, e passamos, então, a submetê-los em votação.

Novamente, o requerimento 37, de Ivan Felizardo Contrera Toro, diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de Campinas, Unicamp. O requerimento tem por objetivo a prestação de informações aos requeridos que ajude a esclarecer eventuais casos de violações de direitos humanos na Faculdade de Medicina da Unicamp, no âmbito desta CPI. Está em discussão o requerimento. Não havendo oradores inscritos, está em votação. Os deputados que estiverem de acordo permaneçam como se encontram, aprovado o requerimento.

Requerimento 36, novamente submetido à discussão agora com este deputado na presidência, por designação do deputado Adriano Diogo. Convocação de Antônio Carlos Lopes, professor da Unifesp, presidente da Sociedade Brasileira de Clínica Médica. O requerimento tem por objetivo a prestação de informações que ajudem a esclarecer eventuais casos de violações de direitos humanos na Unifesp, no âmbito desta CPI. Está em discussão o requerimento. Não havendo oradores inscritos, está em votação. Os deputados que estiverem de acordo permaneçam como se encontram, aprovado o requerimento.

Requerimento 38, convocação de José Tadeu Jorge, magnífico reitor da Unicamp, também com o objetivo de esclarecer eventuais casos de violações de direitos humanos no âmbito daquela universidade. Em discussão o requerimento. Não havendo oradores inscritos, passa-se à votação. Os deputados que estiverem de acordo com esse requerimento permaneçam como se encontram, aprovado.

Requerimento 39, também de autoria do deputado Adriano Diogo, convocação de Anna Maria Marques Cintra, magnífica reitora da PUC de São Paulo, e de Godofredo Campos Borges, diretor da Faculdade de Medicina da PUC de Sorocaba, com o mesmo objetivo de esclarecer casos de violações de direitos humanos. Em discussão o requerimento. Não havendo oradores inscritos, está em votação. Os deputados que forem favoráveis ao requerimento permaneçam como se encontram, aprovado.

Requerimento 40, convocação de Angela de Mendonça Engelbrecht, magnífica reitora PUC-Campinas, de Márcia Pereira Buenos, diretora da Faculdade de Medicina da PUC-Campinas, e de Lúcia Maria Quintes, Mária Cristina Furian Ferreira, professoras da PUCCamp. Com o mesmo objetivo. Está em discussão o requerimento. Não havendo oradores inscritos, passamos à votação. Os deputados que forem favoráveis permaneçam como se encontram, aprovado o requerimento.

Requerimento 42/2015, convocação de Waldyr Jorge, diretor da Faculdade de Odontologia da USP e Superintendente do Hospital Universitário da USP, com o mesmo objetivo. Está em discussão o requerimento. Não havendo oradores inscritos, está em votação. Os deputados que forem favoráveis permaneçam como se encontram, aprovado o requerimento.

Também requerimento do deputado Adriano Diogo. Convocação de Marcos Sudário dos Santos, ex-aluno da Faculdade de Medicina da PUC-Campinas, com o mesmo objetivo.

Está em discussão o requerimento. Não havendo oradores inscritos, está em votação. Os deputados que forem favoráveis ao requerimento permaneçam como se encontram, aprovado.

Requerimento também de autoria do deputado Adriano Diogo. Requer a realização de uma audiência pública na Câmara de Vereadores de Campinas para colher depoimentos e ouvir autoridades das universidades da região. A designada a audiência pública está em discussão. É uma audiência pública na Câmara de Vereadores de Campinas, mas não indica quais depoimentos, quais autoridades seriam ouvidas. Está em discussão. Não havendo oradores inscritos, está em votação. Os deputados que forem favoráveis permaneçam como se encontram, aprovado.

Outro requerimento de autoria do deputado Adriano Diogo. Requer o auxílio da Polícia Civil e Militar para os trabalhos da Comissão, fornecendo apoio técnico para a localização de testemunhas e depoentes. Por óbvio que aprovado este requerimento, apenas esclarecendo, nós faremos uso dele, a CPI fará uso desse requerimento quando for necessário, nas diligências que se fizerem necessárias. Está em discussão o requerimento. Não havendo oradores inscritos, está em votação. Os deputados que forem favoráveis ao requerimento permaneçam como se encontram, aprovado.

Requerimento 46/2015, também do deputado Adriano Diogo. Solicitação no Tribunal de Contas do Estado de São Paulo, em caráter transitório, da designação de um auditor do quadro de seus servidores para contribuir na análise técnica de contas e documentos fiscais que vierem a ser solicitados pela CPI. Está em discussão o requerimento. Não havendo oradores inscritos, está em votação. Os deputados que forem favoráveis ao requerimento permaneçam como se encontram, aprovado.

Outro requerimento do deputado Adriano Diogo. Convocação de Jiviane Barreto, Matheus Pinheiro, professores da Faculdade de Medicina da PUC-Campinas. Welson Vieira, Juliana Sampaio, Letícia Oliveira, Lucas Thomaz, Felipe Baldo, Fernando Delatti, Pedro Swinerd e Rafaela Nunes Fonseca, todos estudantes da PUC de Campinas. O requerimento pede a convocação sob pena de condução coercitiva, sempre com a finalidade de esclarecer o objeto desta CPI.

O SR. CARLOS BEZERRA JR. – PSDB – Pela ordem, senhor presidente.

O SR. FERNANDO CAPEZ – PSDB – Pela ordem, deputado Carlos Bezerra.

O SR. CARLOS BEZERRA JR. – PSDB – Apenas um esclarecimento, Sr. Presidente, esse requerimento dos alunos da PUC-Campinas, perdão, eu perdi a justificativa.

O SR. FERNANDO CAPEZ – PSDB – A justificativa, ilustre deputado, é esclarecer violações de direitos humanos, e a convocação, quando for o caso, uma merda justificativa que o não cumprimento implicará na condução coercitiva. Essa é uma consequência legal de todas as convocações. Nesse caso ele esclareceu aqui o dispositivo legal, mas é um mero consectário para a hipótese de não atendimento.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Pela ordem.

O SR. FERNANDO CAPEZ – PSDB – Deputado Adriano Diogo.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – A reitoria da PUC enviou um documento solicitando que nós encaminhássemos os nomes dos alunos da PUC que não têm comparecido, embora convocados, e o deputado Marco Aurélio vai ler o documento em seguida, então, antes de fazer a requisição do uso de força coercitiva para cumprir o comparecimento, faremos uma última convocação à própria reitoria, se bem que não haveria a necessidade de comunicar à reitoria, uma vez que a convocação é individual, não tem nada a ver com a instituição, mas nós o faremos. Mas, só vamos deixar o documento de

uso de força para comparecimento por questão de quórum, de aprovação, mas nós faremos uma última tentativa amigável desses alunos da PUC-Campinas e da USP, também da Atlética, que não compareceram alegando que não haviam sido devidamente convidados ou convocados.

Então, haverá outras oportunidades para que os alunos compareçam de livre e espontânea vontade, assim como as contas da Atlética sejam apresentadas sem o uso de busca e apreensão. Então, todos os mecanismos de convocação amigável estão sendo utilizados, os prazos estão sendo dados para que a vinda seja da melhor forma possível. Então, estou fazendo a justificativa. E, nesse sentido, ainda há dois requerimentos, esses daqui é para dar consecução, é para dar continuidade se não foram lidos, estão perfeitamente enquadrados dentro dos limites que temos da legalidade, e ainda solicito a inclusão na pauta do vice-reitor da PUC-São Paulo, que é praticamente o diretor da Faculdade de Medicina, médico que aí consta como vice-reitor.

O SR. CARLOS BEZERRA JR. – PSDB – Pela ordem, senhor presidente.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Pela ordem, deputado Carlos Bezerra.

O SR. CARLOS BEZERRA JR. – PSDB – Senhor presidente, eu vou fazer então a solicitação ao deputado Fernando Capez para a exclusão na pauta do requerimento feito de forma oral por Vossa Excelência, o deputado Adriano Diogo, solicitada a inclusão na pauta do requerimento de convocação do professor Dr. José Eduardo Martinez, vice-reitor da PUC-São Paulo, para comparecer nesta CPI com a mesma justificativa dos requerimentos anteriormente colocados.

O SR. FERNANDO CAPEZ – PSDB – Bom, esse requerimento feito verbalmente agora, e nós já estamos aprovando vários requerimentos, eu peço vista desse último requerimento em razão dessa polêmica, até para votarmos junto com a inclusão na próxima sessão, que provavelmente será terça-feira, relacionado à convocação também do vice-reitor. Eu peço vista desse último requerimento.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Do vice-reitor da PUC?

O SR. FERNANDO CAPEZ – PSDB – Do vice-reitor da PUC juntamente com esse requerimento dos estudantes que se encontram aqui.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O vice-reitor da PUC já aceitou o convite espontaneamente. É só para formalizar.

O SR. FERNANDO CAPEZ – PSDB – Eu peço vista desse requerimento dos estudantes, e com relação ao do vice-reitor que teria aceitado, se transformado em convite, eu declino do pedido de vista com relação ao vice-reitor.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Convite, convite, convite.

O SR. FERNANDO CAPEZ – PSDB – Convite. Coloco em votação o requerimento verbal. Está em discussão o requerimento verbal. Não havendo oradores inscritos, está em votação o requerimento de convite do vice-reitor da PUC-Campinas. Está aprovado.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Qual que foi pedido vista?

O SR. FERNANDO CAPEZ – PSDB – Foi pedido vista dos estudantes. Eu vou ver essa questão da condução coercitiva. Requerimento do deputado Adriano Diogo, que solicita a obtenção das seguintes informações e documentos junto à B2 Agência LTDA., e à Ambev notas fiscais da venda e bonificação emitidas com a Associação Atlética Acadêmica Oswaldo Cruz e Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, ambas entidades estudantis da Faculdade de Medicina da USP, nos anos de 2011, 2012, 2013 e 2014. Notas fiscais emitidas para a entrega de produtos aos seguintes endereços: Rua Artur Azevedo, 1, Jardim Paulista, São Paulo, e Avenida Dr. Arnaldo, 455, Pacaembu, nos anos de 2011, 2012, 2013 e 2014. Contratos de exclusividade, parceria e comodato, assinados com as supracitadas entidades estudantis em 2011, 2012, 2013 e 2014.

O requerimento tem por objetivo a prestação de informações por parte das referidas empresas que ajude a esclarecer as violações dos direitos humanos e demais ilegalidades ocorridas no âmbito das universidades de São Paulo, ocorridos os chamados trotes e festas no seu cotidiano acadêmico no âmbito desta CPI. Está em discussão o requerimento. Não havendo oradores inscritos, está em votação. Os deputados que forem favoráveis, permaneçam como se encontram. Aprovado o requerimento.

Último requerimento submetido à apreciação desta CPI, após cuja votação devolverei a presidência ao deputado Adriano Diogo. Requerimento do deputado Adriano Diogo. Convocação de César Giudici Valêncio, Lucas Veríssimo Ranzoni, estudantes da Faculdade de Medicina da USP, Amanda Guedes dos Santos, Ana Carolina Arabe Gomes da Silva, Andrey Oliveira da Cruz, Bruna Kariny de Oliveira, Camila Carvalho Guedes, Carolina Ustsunomiya Muniz, José Guilherme de Oliveira, Robson Luis Ribeiro Andrade Filho e Tamiris Amaral Castillo, estudantes da Faculdade de Medicina da PUC-São Paulo. Também com o objetivo de esclarecer casos de violações de direitos humanos no interior das respectivas universidades.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Pela ordem, deputado Fernando Capez.

O SR. FERNANDO CAPEZ – PSDB – Pela ordem, deputado Adriano Diogo.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – A presidência dos trabalhos. Deputado Fernando Capez, eu queria reiterar o requerimento de convocação dos estudantes da PUC-Campinas sem uso de força coercitiva, que é o teor desse documento porque os alunos já foram convocados, não compareceram, não deram explicações. Então, essa é a última chance de eles serem convocados sem o uso de força coercitiva, o requerimento é claro. Ele diz: esclareço que o não cumprimento sem motivo justificável e razoável poderá implicar... Então, esse requerimento não é o uso da força, ele é mais uma tentativa, mais uma chance, que nós vamos anexar a um documento para a reitoria, para dar ciência para a reitoria e para cada um dos alunos. Então, esse requerimento, aprovando, não está aprovando uso de força coercitiva, é mais uma chance amigável para que os alunos compareçam, porque nós estamos sendo desmoralizados, desautorizados, ao contrário de todos os outros alunos das universidades, os alunos da PUC-Campinas se negam a comparecer ou justificar a ausência. Então, eu queria que Vossa Excelência, como um grande estudioso do Direito que é, estou rerepresentando esse documento para que Vossa Excelência possa apreciá-lo.

O SR. FERNANDO CAPEZ – PSDB – Primeiro está em discussão o requerimento de convocação dos estudantes da Faculdade de Medicina da PUC-São Paulo, que continua em discussão. Está em discussão.

Pela ordem.

O SR. FERNANDO CAPEZ – PSDB – Deputada Sarah Munhoz.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Considerando que este documento é uma convocação, mais uma chance de as pessoas virem pelo seu livre-arbítrio, eu solicitaria encarecidamente a esta mesa que votasse a favor deste requerimento, considerando que não haverá uso de coerção, não haverá uso de nenhuma manobra, quer policial, ou seja o que for. Aí sim, se caso eles não vierem para a próxima sessão, aí abre-se uma nova, solicita-se uma nova mesa para isso, essa é minha sugestão.

O SR. FERNANDO CAPEZ – PSDB – Dando seguimento à sugestão de Vossa Excelência, eu sugiro que a gente, sendo assim essa colocação tanto do deputado Adriano Diogo quanto de Vossa Excelência, que a gente converta os dois requerimentos dos estudantes da PUC-São Paulo e estudantes da PUC-Campinas, os dois em convite, aprovemos agora em conjunto, e na próxima sessão, caso haja inobservância, se transforme em convocação.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Deputado Capez, PUC-São Paulo, eles já vão comparecer de livre e espontânea vontade, é só para oficializar. Não tenho problema nenhum...

O SR. FERNANDO CAPEZ – PSDB – Agora estão acrescentando... Vamos discutir primeiro...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Para hierarquizar. PUC-São Paulo já confirmou, campus Sorocaba, porque não tem Faculdade de Medicina da PUC em São Paulo, ela fica em Sorocaba. Então, a PUC-São Paulo, Faculdade de Medicina de Sorocaba, comparecerá tanto a representação discente como a diretoria de livre e

espontânea vontade na quinta-feira, já está tudo acertado, os convites estão feitos e aprovados. Esse requerimento era só para oficializar a vinda desses alunos, PUC-São Paulo, campus Sorocaba. O problema está em Campinas.

O SR. FERNANDO CAPEZ – PSDB – Continua em discussão.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Aceito a transformação da convocação dos alunos da PUC-Campinas em convite, aceito como prova de uma sincera tentativa de que eles sejam ouvidos.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – A presidência faz como proposta a votação dos dois requerimentos em conjunto, transformados em convite.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Aceito.

O SR. FERNANDO CAPEZ – PSDB – Está em discussão. Não havendo oradores inscritos, está em votação. Os deputados que forem favoráveis permaneçam como se encontram, aprovados os convites. Não havendo mais requerimentos de autoria do deputado Adriano Diogo a serem discutidos e votados, devolvo a presidência à Sua Excelência.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Passo a palavra imediatamente ao deputado Marco Aurélio de Souza.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Leitura do ofício recebido da PUC-Campinas. Campinas, 21 de janeiro de 2015, referente ao ofício 027/2015, CPI das Violações dos Direitos Humanos nas Faculdades Paulistas. Ato nº 56/2014. Este ofício é assinado pela reitora da PUC-Campinas, pelo vice-presidente da Scej e endereçado ao deputado estadual Adriano Diogo.

“Cumprimentamos Vossa Excelência e respeitosamente acusando o recebimento do ofício nº 027/2015, de 07 de janeiro de 2015, aqui protocolizado sob o número 2015010827, informamos-lhe à disposição desta Pontifícia Universidade Católica de Campinas, PUC-Campinas, em contribuir com o escopo desta Comissão Parlamentar de Inquérito, na forma como pleiteado, observando, para tanto, as atribuições legais que lhe são conferidas, e as responsabilidades e obrigações dessa instituição de ensino nos termos do ordenamento jurídico vigente.

A violação de direitos, objeto de investigação conduzida por essa comissão, constitui matéria que preocupa e indigna esta comunidade universitária. Diante dela, temos envidado, por meio de diferentes instâncias e instrumentos, todos os esforços educacionais e também administrativos e disciplinares, no sentido de preveni-la e coibi-la, construindo um ambiente acadêmico comprometido, conforme finalidades estatutárias da universidade com a ética e a solidariedade que priorizam o respeito e a promoção da dignidade humana. Sendo o que nos cabia para o momento, aproveitamos a oportunidade de renovar nossos protestos de estima e consideração.

Atenciosamente, professora Dra. Angela de Mendonça, reitora da PUC-Campinas, e Dr. Sebastião Carlos Biasi, vice-presidente do Scej, ao Exceleníssimo senhor deputado estadual Adriano Diogo, presidente da Comissão Parlamentar de Inquérito das Violações dos Direitos Humanos nas Faculdades Paulistas”.

O SR. FERNANDO CAPEZ – PSDB – Pela ordem, senhor presidente.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Pela ordem, deputado Capez.

O SR. FERNANDO CAPEZ – PSDB – Entra um novo requerimento com relação a estudantes e ex-estudantes da Faculdade de Medicina da PUC-Campinas, agora acrescentando novos nomes àquele anterior que nós havíamos aprovado, requerimento de autoria de Vossa Excelência.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Eu só queria, antes de aprovar esse requerimento, que Vossa Excelência ouvisse a nova comunicação da reitoria da PUC-Campinas com atenção, Vossa Excelência e os demais deputados, que é um documento com muito conteúdo. Então, peço que o requerimento seja apreciado após a leitura do documento que o deputado Marco Aurélio de Souza vai ler. Com a palavra, o deputado Marco Aurélio de Souza.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – O ofício anterior, que eu fiz a leitura, data de 21 de janeiro e este ofício que agora farei a leitura data de 23 de janeiro de 2015, também da PUC-Campinas, assinado pela magnífica reitora, endereçado ao presidente Adriano Diogo. Referente à veiculação de notícia sobre a participação de membros da comunidade universitária da PUC-Campinas em reunião da Comissão Parlamentar de Inquérito.

“Excelentíssimo senhor, dirigimo-nos a Vossa Excelência para cumprimentá-lo e ante a veiculação nos meios de comunicação de notícia referente à participação de membros da comunidade universitária desta Pontifícia Universidade Católica de Campinas, PUC-Campinas, em reunião desta Comissão Parlamentar de Inquérito, supostamente realizada no dia 7 de janeiro de 2015, informar e solicitar o que segue.

Inicialmente, cumpre nos destacar nossa surpresa em relação ao noticiado, uma vez que a universidade não foi comunicada da ocorrência da reunião e da convocação de alunos ou de docentes, tampouco nela se fez representada. Os afirmados depoimentos de professores vinculados à instituição, cujo conteúdo desconhecemos, não ocorreram em

nome desta universidade. Ofende-nos, nesse sentido, a afirmação temerária de que estaríamos tentando blindar alunos ou, de qualquer forma, obstar os trabalhos da CPI. Isso absolutamente não corresponde à verdade. Desconsidera ainda o compromisso assumido no ofício GR nº010/15, perante Vossa Excelência, que reiteramos de contribuir com o escopo da CPI, observadas para tanto as atribuições legais que lhe são conferidas, mas também as responsabilidades e obrigações desta instituição de ensino nos termos do ordenamento jurídico vigente.

Pedimos, por isso, que eventuais ilações em relação a procedimentos desta PUC-Campinas observem o devido processo legal e os direitos ao contraditório e ampla defesa, respeitando desse modo também, em relação à instituição de ensino, os direitos que esta comissão tem por objetivo proteger. Por fim, tendo em vista resguardar aludidos direitos, adotando as eventuais providências internas cabíveis, solicitamos à Vossa Excelência que informe o nome dos alunos convocados pela CPI e dos depoentes vinculados à universidade.

Sendo o que nos cabia para o momento, aproveitamos a oportunidade para renovar nossos protestos de estima e consideração. Atenciosamente, professora Dra. Angela de Mendonça, reitora, ao Excelentíssimo deputado estadual Adriano Diogo, presidente da Comissão Parlamentar de Inquérito”.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Com a palavra, deputado Fernando Capez.

O SR. FERNANDO CAPEZ – PSDB – Primeiro comentar essa leitura, eu acho que a universidade está no direito dela, o objetivo da CPI não é punir ninguém, a CPI é instalada para investigar. Obviamente que se tratando de atividade de investigação de caráter eminentemente inquisitivo, não há que se falar em ampla defesa nem contraditório, porque aqui não se está acusando ninguém, se não está acusando ninguém faz a defesa. Está se investigando para que a investigação municie, eventualmente, alguma acusação contra quem vier a ter responsabilidade.

Estou vindo aqui, Excelência, havia um deputado que faz parte desta CPI e não pôde vir porque está em Brasília, uma vez que foi eleito deputado federal, deputado Bruno Covas, e eu compareci aqui justamente para evitar que caísse o quórum. Portanto, vim aqui dar quórum para emitir a realização dos trabalhos para que não houvesse nenhum seccionamento no trabalho que Vossa Excelência, aliás, brilhantemente desenvolveu na Comissão de Direitos Humanos, e agora também coroando um excelente mandato. Eu tenho certeza que a sociedade haverá de reconhecer isso, o trabalho de Vossa Excelência.

O que me preocupa é, particularmente, o seguinte. Eu não sei como esses nomes de estudantes chegaram, mas começa a fazer um arrastão de nomes e começamos a mandar esses nomes para a universidade, eventualmente um ou outro que esteja aqui que não tem nenhuma responsabilidade, e vai iniciar uma carreira agora, formado, e não teve nenhuma participação, pode chegar à universidade com a de suspeição. E essa é a razão de primeiro analisar o convite, eu me coloco à disposição. Eu trabalhei muitos anos em investigação, tenho 27 anos de carreira no Ministério Público, para eventualmente priorizar aqueles que têm uma participação mais direta, fazer uma convocação desses sob pena de condução coercitiva e eleger alguns que são os principais responsáveis ou que tiveram uma participação mais comprovada.

Se a gente começar a chamar muita gente, pode ser que talvez não se torne produtivo. Estou dando uma sugestão de quem está chegando a esta CPI para evitar queda de quórum e sabe da preocupação de Vossa Excelência em levar isso até o fim, de apurar isso. Então, apenas essa preocupação que eu gostaria de colocar. Que sejam feitos os convites, eu estou à disposição para juntamente com a assessoria analisar os autos e verificar se há indícios mais robustos com relação a outros estudantes e convocá-los mesmo, aí sob pena de condução coercitiva direto.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Eu quero responder à Vossa Excelência, sempre em juízo da aprovação desse requerimento, que além da participação direta, citada em alguns depoimentos, tem as chamadas diretorias, diretorias de centros acadêmicos, diretorias de atléticas e grupos organizadores de shows, sem dizer das Intermeds, que estavam sendo realizadas em Santa Rita do Passo Quatro. Então, essas

convocações formais, lógico que há algumas pontuais, que são frutos de depoimentos, são testemunhais, mas, a maioria delas é por constar de diretorias.

O SR. FERNANDO CAPEZ – PSDB – São chamadas como testemunhas, não como suspeitas, para prestar esclarecimento.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Exatamente.

O SR. FERNANDO CAPEZ – PSDB – Eu temo que chegando na universidade isso possa ser confundido. Uma simples pessoa que está querendo colaborar com a CPI, apontar dados importantes e ela... Não sei se requerimento de informar nomes para a universidade. O aluno pode ser convocado diretamente ou, quando for feito o convite via universidade, fazer o esclarecimento de que ela está sendo chamada a colaborar e prestar informações.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – É que em muitos casos, deputado, já houve procedimentos internos de averiguação, as chamadas sindicâncias. Alguns desses nomes, ou a maioria deles, foram objeto de comissões internas de averiguação. Porque não são fatos simples, do cotidiano acadêmico, são fatos graves.

O SR. FERNANDO CAPEZ – PSDB – Gravíssimos. Mas, como Vossa Excelência disse, alguns, não todos.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E tem coisas, por exemplo, que ocorreram há muitos anos, de estudando que, inclusive, já não estão mais na universidade.

O SR. FERNANDO CAPEZ – PSDB – Que podem estar exercendo a profissão com um passado como esse que pode, inclusive, repercutir no exercício profissional.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Exatamente. Então, as convocações, os convites... Agora, há determinados grupos que se mantêm mais...

O SR. FERNANDO CAPEZ – PSDB – Recalcitrantes.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Recalcitrantes. E além do que, não é nenhuma novidade, que são as postagens na internet respondendo, afrontando, formando grupos. Eu só posso informar para o senhor que nós estávamos ouvindo um jovem aqui durante a audiência, ainda na Comissão de Direitos Humanos, não na CPI, e foi formado um grupo de conversa que nós obtivemos o resultado dos comentários da pessoa que depunha com o grupo, em relação aos trabalhos da Assembleia, dos deputados, do papel dos deputados, da função. Então, hoje é publicizado.

Por exemplo, tinha uma pessoa na mesa que não tinha quipá, mas tinha nome judeu, e no grupo de conversa apareceu o que faz esse judeu na mesa. Eu posso lhe dar o documento, que é um documento sigiloso, que era um manifesto anti-semita, entendeu? Quando tem menina na mesa, considerações sobre o papel das meninas, o que elas fazem, adjetivação. Então, é tudo coberto de farta documentação.

O SR. FERNANDO CAPEZ – PSDB – A minha intervenção, Excelência, é justamente no sentido de contribuir para a eficácia da investigação. Porque se vira um arrastão, você não consegue apurar os fatos, isso atrapalha, é contraproducente na apuração dos fatos. Então, se Vossa Excelência aceitar, eu estou à disposição, não sou membro da CPI, para contribuir com Vossa Excelência como contribuí ao longo de todo período em que Vossa Excelência exerceu a presidência da Comissão de Direitos Humanos, não faltando às sessões, não deixando cair por falta de quórum.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Caro Capez, seria o maior presente que, na ausência do deputado Bruno Covas, Vossa Excelência pudesse contribuir, porque quero fazer de público, assim como o deputado Carlos Alberto, os dois deputados do PSDB, assim que os procurei, o deputado Bruno Covas e o deputado Carlos Alberto, pelo PSDB, disseram que esse assunto jamais poderia ficar embaixo do tapete. O deputado Bruno Covas teve um posicionamento o mais correto possível e contribuiu para que as sete CPIs que estavam na fila saíssem para que essa começasse. E ele mesmo, toda vez que pode, pergunta: “essas pessoas serão convocadas? Faço questão que elas sejam ouvidas”. Então, se houver essa troca de bastão, se o senhor puder assumir como titular e não só para dar quórum nessa sessão, seria uma contribuição muito importante.

O SR. FERNANDO CAPEZ – PSDB – Imagino que o deputado Bruno Covas vá querer até o final do seu mandato permanecer nisso. Ele está muito preocupado, tanto que ele me telefonou hoje mesmo para que eu cancelasse a minha agenda e aqui viesse. Mas, eu estou à disposição.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Muito obrigado, deputado. Passemos então à ordem do dia. Antes de dispersar o quórum, da aprovação dos requerimentos... Mas nós não aprovamos esse último da PUC-Campinas, como convite. Devolvo a presidência ao deputado Fernando Capez.

O SR. FERNANDO CAPEZ – PSDB – São todos procedimentos que estão sendo tomados que parecem um pouco cansativo ou formais, mas o único objetivo é evitar que aja nulidade para que a mesma pessoa que requereu não conduza a sessão de votação. Por isso que há essa constante troca de presidência. O mesmo requerimento que foi submetido, da aprovação do convite para os estudantes e ex-estudantes da PUC-Campinas, foi reapresentado, porque ele acrescenta um número maior de pessoas.

Então, o requerimento é para que seja desconsiderado o requerimento anterior com um número menor de pessoas, e que seja aprovado em seu lugar este requerimento, que tem todas aquelas e mais algumas. Então, está feito o requerimento. Deputado Adriano Diogo, eu pediria a Vossa Excelência que assinasse o requerimento, que não está assinado. Há o reconhecimento de que estava certo, então, vamos voltar onde estávamos, por favor, para não perder mais tempo.

Fica desconsiderado o requerimento anterior e submetido, como eu havia dito, um requerimento em seu lugar, no mesmo sentido. Está em discussão. Eu faço já, para adiantar, a proposta de transformação da convocação em convite, como foi o outro aprovado. Está em discussão, está em votação, está aprovado. Devolvo a palavra ao deputado Adriano Diogo.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – A última questão que eu queria dizer com o quórum, para que os deputados que não puderem permanecer possam seguir, há necessidade, na próxima terça-feira, de uma nova reunião com o quórum. Então, vamos convocar a próxima reunião, da próxima terça-feira, com o quórum para 14 horas, primeira convocação, 14h15, segunda convocação. Pode fazer três, no máximo, ou pode... E 14h45 a última convocação. Então, convocada a reunião com o quórum para a aprovação de requerimentos dos senhores deputados, e que o PSDB oficialize, porque essa semana Bruno Covas renuncia, oficialize o substituto de Bruno Covas e o deputado Carlos Alberto, que tem que assumir outros compromissos, se for substituído, que haja um novo substituto até o fim dos trabalhos.

O SR. CARLOS BEZERRA JR. – PSDB – Pela ordem, senhor presidente. A minha dificuldade se encontra apenas na próxima semana. Então, permanecerei normalmente nos trabalhos da Comissão, mas terei esse problema pontual na próxima semana. Nós encaminharemos à liderança do partido para que possa fazer as eventuais substituições sem nenhuma dificuldade.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Como é reunião com quórum precisa oficializar para não ser questionada a validade.

O SR. CARLOS BEZERRA JR. – PSDB – Perfeito. Aliás, eu faço, neste momento, a solicitação ao representante da liderança do PSDB que comunique de imediato o nosso líder para que possa fazer a substituição pontual na sessão da próxima semana com relação a mim e à consolidação do nome, se assim for o entendimento da liderança e do deputado Fernando Capez em substituição definitiva ao deputado Bruno Covas, que renunciará ao seu mandato para assumir uma cadeira na Câmara Federal.

O SR. FERNANDO CAPEZ – PSDB – Deixando claro, deputado Bezerra, que essa é uma questão que eu deixo para a nossa bancada definir. Eu tenho a vontade, mas deixo para a bancada definir.

O SR. CARLOS BEZERRA JR. – PSDB – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Eu só quero falar ainda de público e gravando que eu fui procurado pelo advogado que representa os alunos da Atlético que nós vamos dar mais um prazo para que as contas da Atlético sejam entregues de uma forma sem a necessidade de votar um requerimento de busca e apreensão.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Pela ordem.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Pela ordem, deputada Sarah Munhoz.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Não seria interessante nós negociarmos uma data para que isso não fique eternamente...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O prazo é terça-feira da semana que vem.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Para a votação do requerimento. Bom, vamos lá. São vários os depoentes, mas veio de Brasília hoje para depor nesta Comissão o psiquiatra Leon Garcia, que eu queria pedir para que viesse compor a mesa. Queria convidar o psiquiatra Leon Garcia para fazer o seu depoimento, estudante que foi da Faculdade de Medicina da USP, e neste momento presta uma homenagem à sua mãe que foi a precursora da teoria feminista no Brasil, que trouxe para o Brasil a questão de gênero, na volta do exílio, uma das mulheres que mais contribuiu para a formação dessa cultura da rejeição a essas graves violações de direitos humanos contra as mulheres. Então, é com muita emoção que eu convido o psiquiatra Leon Garcia para que faça o seu depoimento sobre a sua participação, a sua vida acadêmica na Faculdade de Medicina da USP. Com a palavra, o Leon Garcia.

O SR. LEON GARCIA – Em primeiro lugar, eu queria agradecer, deputado, o convite, agradecer mais ainda a homenagem que o senhor fez à minha mãe, que faleceu quando eu estava no segundo ano da Faculdade de Medicina da USP, e elogiar, já entrando no assunto, a iniciativa da Assembleia Legislativa de constituir esta Comissão Parlamentar de Inquérito, o seu esforço e o esforço de outros deputados para que ela se tornasse uma prioridade, e queria explicar que esse elogio tem razão na minha experiência que tive como estudante na faculdade.

Eu queria dizer que eu fiz a minha graduação na Faculdade de Medicina da USP, eu fiz a minha residência no Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas, eu sou médico assistente concursado do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas, atualmente sediado ao Ministério da Justiça na Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas, então tenho uma história nessa instituição, e pude, infelizmente, observar que ao longo dos anos, sem a interferência externa na Faculdade de Medicina, há situações que na minha época de estudante tanto me indignaram, na verdade persistiram e, de fato, se agravaram. Então, a expectativa que a Faculdade de Medicina tinha de resolver internamente esses graves problemas, eu sou testemunha de que não se confirmou. E não vai ser sem uma interferência desse tipo que isso vai se modificar. Eu até queria saber um pouco qual é a dinâmica aqui.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – A dinâmica é livre, Vossa Excelência faz uma introdução, conta a história, o Show Medicina, o enfrentamento que os três à época fizeram, os três estudantes, três médicos que depois viraram três psiquiatras, que são depoimentos importantíssimos porque hoje o assunto é Show Medicina, e o Show Medicina ao longo do tempo tem sofrido aquela degradação ética e moral, e toda aquela coisa dos 45 dias, de ficar à disposição dos veteranos todas as madrugadas. Então, como o depoimento de Vossa Excelência é um documento de alta responsabilidade e conteúdo, porque Vossa Excelência é um profissional... Quero dizer que a mãe do Leon Garcia é a companheira Beth Lobo, que morreu na Paraíba junto com a Margarida Maria Alves.

(Palmas.) Eu peço uma homenagem à Beth Lobo, esposa de Marco Aurélio Garcia. Então, Leon Garcia é filho de Marco Aurélio Garcia e Beth Lobo, muito obrigado.

O SR. LEON GARCIA – Excelência, obrigado mais uma vez pela homenagem. Bom, eu entrei na Faculdade de Medicina em 1990 e, pulando para 1993, quando eu estava no 4º ano da faculdade, havia uma gestão do Centro Acadêmico na época que se ocupou de denunciar algumas situações ruins que aconteciam na faculdade na época. Particularmente houve uma denúncia relativa à qualidade dos cursos, à exigência da frequência, a presença de B10 que cobrava frequência e uma denúncia de corrupção nas assinaturas das listas de presença da faculdade. Então, o Centro Acadêmico levou essa denúncia e, pouco depois, como uma consequência evidente, o Centro Acadêmico passou a ser alvo de depredações realizadas nas madrugadas, coincidindo com as madrugadas em que havia ensaio do Show Medicina. Numa das ocasiões alguém deixou fezes humanas no Centro Acadêmico, algumas coisas foram quebradas e, em duas ou três ocasiões, foram deixadas faixas atacando o Centro Acadêmico.

Numa delas se dizia que o Centro era responsável pela reprovação de alunos que tinha ocorrido depois da denúncia das fraudes nas listas de presença, onde passou a haver o maior rigor. Então que, ao impedir o esquema de corrupção, alguns alunos que faltavam contumazmente não puderam ter presença, acabaram sendo reprovados, o Centro Acadêmico era responsabilizado pelo Show Medicina, numa faixa, por ter estragado o esquema de corrupção de frequência. Então, foi criando um clima de ataque ao Centro Acadêmico que era bastante negativo porque vinha revestido de violência, de defesa de ilegalidades, de falta de ética, de todo um conteúdo negativo.

A partir daí, nessa época eu tomei conhecimento por parte dos amigos, dos colegas que tinham sido membros do Show Medicina, eu mesmo acabei não me interessando ao longo da faculdade pelo Show Medicina, mas dois amigos próximos, o Luís Fernando Toffoli, que esteve aqui na semana passada, e o Paulo Germano Marmorato, tinham sido membros do Show Medicina e me contaram como que tinha sido a seleção, o que era chamado vestibular do Show Medicina. E contaram que a seleção que era anunciada como apresentação de um esquete humorístico, na verdade não era isso, era apenas um pretexto

para que houvesse um trote que era realizado no teatro da faculdade, numa noite de um dia de semana qualquer, não me lembro qual, em que um número grande de alunos que estavam entrando no Show pela primeira vez apresentavam seus esquetes e logo em seguida eram submetidos a esse trote que consistia, entre outras coisas, na parte mais degradante: pedir que todos, pedir é força de expressão, porque era um pedido que partia de dezenas de alunos que exigiam que outros alunos mais novos tirassem a roupa, ficassem pelados no palco da faculdade, é um teatro grande, não sei quem conhece, bem iluminado, e a partir daí, pelados, dançassem um com o outro, se abraçassem. É ridículo ficar falando essas coisas, mas enfim, pegassem bananas com as nádegas, objetos, enfim, coisas degradantes desse tipo.

Muitos não gostavam, muitos pediam para parar, mas o clima era de não dá para simplesmente pegar as suas roupas, até porque as roupas não estavam mais presentes, eram jogadas para longe, então não dava para sair e ir embora, o clima não era esse. Tanto é que nunca havia acontecido, não havia relato de alguém que tivesse saído no momento em que se sentiu incomodado no trote. Então, isso para mim já é definitivo para dizer que de fato as pessoas estavam sendo agredidas lá, porque se tantas pessoas saíram incomodadas depois e ninguém saiu na hora é porque, de fato, o clima não era para sair.

O final do trote era, pelo menos no ano em que participaram esses meus dois amigos, entra um aluno do grupo dos mais velhos gritando, muito nervoso “deu problema, chegou gente da faculdade, nos descobriram”. Nesse momento apaga a luz totalmente, os 10, 20, 30 calouros estão todos nus no palco da faculdade, as luzes são apagadas e eles com a expectativa que de fato tenha alguém dos funcionários, da direção da faculdade chegando e vai surpreendê-los naquela condição. As luzes se acendem, é apenas uma brincadeira, todos entoam uma música do Show Medicina e, então, recebem, após esse ritual de iniciação, os alunos como membros do Show Medicina.

Algumas pessoas, a partir daí, se desligam e não voltam mais para o Show Medicina. Claro, aquelas que não gostaram do tratamento se desligam, outros permanecem. Então, nesse ano de 1993, por ocasião desse conflito do Show Medicina com o Centro Acadêmico, esses amigos me relatam isso e eu fico surpreso porque nós já éramos amigos desde o início da faculdade, há quase quatro anos, e pela primeira vez eles me contam isso e eu nunca tinha ouvido falar disso antes. E eles me explicam “é porque todos são muito

bem orientados ao final do trote, do vestibular, de que se revelarem o conteúdo do trote, eles serão prejudicados em sua carreira acadêmica e profissional”.

E, de fato, como é de conhecimento de todos de que o Show Medicina tem ex-adeptos que frequentam ainda o Show Medicina e se dizem ex-membros do Show Medicina e financiam o Show Medicina, dentre muitos professores da faculdade, pessoas de destaque no campo da medicina, essa ameaça funciona, e de fato funcionou por muito tempo, porque eu, durante três anos e meio na faculdade, nunca tinha ouvido falar nisso, não era uma conversa. Todo mundo sabe sobre o trote que ocorre com os calouros, você assiste, todo mundo sabe sobre os “pascus” que ocorrem das Intermeds e nas pizzadas.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O que é um “pascu”, Dr. Leon?

O SR. LEON GARCIA – “Pascu” é quando alunos seguram outro aluno à força, tiram as calças dele, abaixam calça e cueca e passam pasta de dente, dentifrício, no ânus. Essa era uma prática que eu já tinha ouvido falar, infelizmente é comum. Agora, o trote eu nunca tinha ouvido falar, e me foi contato nessa situação, por esses amigos próximos. E foi então que nós pensamos juntos “olha, nós precisamos denunciar isso aí, porque se não geração após geração pessoas vão continuar sendo submetidas a esse tipo de violência. Nós vamos ser cúmplices disso, vamos deixar isso acontecer por causa de uma ameaça que vamos ser prejudicados por denunciar aquilo que é...”, eu não sou advogado, apesar de trabalhar no Ministério da Justiça hoje, mas é uma ilegalidade evidente.

Bom, então decidimos denunciar e escrevemos no jornal do Centro Acadêmico, que era um jornal aberto onde vários alunos escreviam, eu mesmo não era do Centro Acadêmico na época, escrevi um artigo contanto, relatando esse trote, comentando um pouco sobre isso, houve outros artigos escritos. A minha namorada na época, que era aluna também, que tinha sido da costura do Show Medicina... Não sei se vocês sabem, o Show Medicina só admite homens, as mulheres só são admitidas naquilo que é conhecido como a

costura, que é um grupo de meninas, estudantes de medicina, futuras médicas, que só podem costurar as roupas que os meninos vão usar nas apresentações.

Então, a Luciana Gonzalez, que era a minha namorada, depois com quem eu fui casado, fez parte desse grupo da costura, depois acabou saindo porque, enfim, se sentiu incomodada e diminuída na sua condição de pessoa, de mulher, por ter esse papel secundário. Então, ela escreveu um artigo sobre a costura, sobre o absurdo de persistir um grupo de costura apenas para os “estrelas” como são conhecidos os meninos que fazem os espetáculos.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Estrelas?

O SR. LEON GARCIA – É, porque como não tem mulher no elenco, eles têm que fazer o papel de homem e mulher, não são estrelas, são estrelas. O colega Paulo Germano, que tinha participado do Show, chegou a participar da elaboração de pelo menos um espetáculo, escreveu uma crítica, pode-se dizer que era uma crítica sobre o Show, falando da má qualidade que ele achava, e particularmente que o humor do show se baseava quase que exclusivamente no escárnio a populações estigmatizadas.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Esse era o tema desse ano?

O SR. LEON GARCIA – Não era o tema desse ano, era uma constante nos esquetes.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Explica um pouquinho melhor isso, é importante.

O SR. LEON GARCIA – Era uma constante nos esquetes, nos enredos, nas piadas do Show Medicina, segundo relatado pelo Paulo Germano, tirar sarro dos fracos, feios, diferentes e estigmatizados, essa é a graça. Que vai desde o histórico desprezo que parte da classe médica tem pelas profissões da saúde que não são médicos, que são, para muitos, chamados de paramédicos, que já é uma forma de expressar esse juízo de valor sobre as pessoas, até falar de pobres e mulheres e, evidentemente, homossexuais também, era um tema favorito. Então, esse era um artigo de crítica do conteúdo artístico e da ideologia que esse conteúdo podia expressar.

Essa edição do jornal saiu poucos dias antes da apresentação do Show Medicina propriamente dito, então isso deve ter sido por volta de outubro, setembro, e partir daí houve uma forte reação na faculdade, uma forte reação por parte de integrantes do Show Medicina, mas também de pessoas que não eram integrantes do Show Medicina. Duas das pessoas que escreveram artigos nesse jornal foram agredidas fisicamente, uma levou um soco, acho que do presidente do Show Medicina na época...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – As pessoas que escreveram os artigos no jornal do Caoc foram agredidas?

O SR. LEON GARCIA – Foram agredidas.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Pode dizer o nome das duas pessoas?

O SR. LEON GARCIA – Paulo Germano Marmorato foi agredido na Atlética, expulso da Atlética, e o, eu só vou lembrar do apelido, infelizmente, o Fredão, como era

conhecido, levou um soco na cara do presidente do Show Medicina da época, cujo nome eu não me recordo.

A SRA. – Esse soco ocasionou alguma lesão corporal mais importante?

O SR. LEON GARCIA – Eu não sei lhe dizer. Foi um fato público e notório, mas eu não vi a cena, não examinei, não sei se isso resultou em alguma investigação na época. Então, houveram esses dois episódios. Agora, o que eu posso falar em primeira pessoa, que apesar de não constituir crime para mim foi extremamente revelador, é que eu acho que mais da metade das pessoas, dos colegas de faculdade do mesmo ano e mais velhos com os quais eu conversava, cumprimentava, tinha até relação de amizade com alguns, mais da metade deles parou de me cumprimentar, simplesmente. Quando houve o Show Medicina, os conhecidos que foram, eu nunca fui e não iria naquele ano com certeza, contaram que tinha grito de guerra contra a minha pessoa, contra outros, enfim.

E eu ouvia ameaças sempre de que aconteceria alguma coisa, alguma represália contra mim e, de fato, contra mim não houve nenhuma agressão direta nem nada que eu tenha observado depois. Apenas um episódio que eu conto mais adiante. Mas, me chamou a atenção isso, mais da metade das pessoas parou de cumprimentar, simplesmente, sem explicação. Na época, o Centro Acadêmico convidou o Show Medicina a escrever um ou mais artigos na edição seguinte do Bip, como era conhecido o jornal dos alunos, o Show Medicina nunca enviou nenhum artigo para ser publicado. Se pensou em organizar debate, em nenhum momento a diretoria do Show Medicina se dispôs, quis debater, quis conversar, nada disso. A opção dos membros foi o silêncio, a cara feia, as ameaças veladas.

Mas, o que me preocupou mais é que um grande contingente de outros alunos que, eu sabia, não eram do Show Medicina embarcaram nesse clima geral que se constituiu que foi qual? O problema é de quem denuncia, o problema não é de quem está fazendo violação de direitos humanos, o problema é de quem denuncia. Essas pessoas estão erradas porque expuseram alguma coisa que era uma tradição de segredo da faculdade. Os argumentos são tão profundos quanto isso, não vai além disso. É uma tradição de segredo da faculdade, é uma tradição o Show Medicina, o vestibular sempre existiu, sempre foi assim ou parecido,

não é para revelar. É isso, é assim, simples assim, banal assim, pobre assim, burro assim, por parte daqueles que se acham... Porque o aluno médio da Faculdade de Medicina, eu posso falar porque como eu sou, se acha a elite intelectual paulista, para não dizer brasileira, mas na hora de justificar esse tipo de acontecimento, justifica: “não, é tradição, está entregando, está expondo a faculdade a olhares estrangeiros, externos, que não vão entender e que, sobretudo, não tem que se meter no que acontece na faculdade”.

Agora, porque isso é grave? Porque quando a gente vê o artigo que saiu na Folha de São Paulo, há cerca de um mês e meio atrás, na página 3, no professor Miguel Srougi, defendendo a Faculdade de Medicina sobre esse tema, dizendo que estão atacando a Faculdade de Medicina da USP, faculdade que prestou serviços tão relevantes à nação, etc e tal, estão desconsiderando tudo o que esta faculdade produziu e contribui para a população, eu acho que o professor está fazendo a mesma coisa. Está se colocando e colocando a faculdade acima da lei, acima do compromisso com a sociedade brasileira, entendendo que “olha, aqui nesse pedaço da Dr. Arnaldo, nesse prédio falso neogótico, nós é que fazemos as regras, é um mundo à parte. Nós fomos tão selecionados pela sociedade paulista no vestibular”. E a gente sabe muito antes do vestibular, durante todo o período que eu estive na faculdade eu nunca tive um colega negro, “nós que fomos tão selecionados, aqui nós fazemos as regras, a gente tem até um clube próprio, uma área verde maravilhosa, sensacional, no meio de São Paulo, que é nossa para o resto da vida”. Eu até hoje tenho desconto, eu fui sócio depois, com a minha família, da Atlética. É ótimo, é um clube no meio de São Paulo que você paga uma taxa reduzida como ex-aluno.

Então, é uma cultura que vai se construindo lentamente ao longo dos seis anos de graduação, e para muitos que permanecem são muitos que querem permanecer, como eu quis, ligados à Faculdade e ao Hospital das Clínicas, é uma cultura que vai se construindo que nos coloca acima das regras da sociedade, sem a necessidade de prestar contas, esquecendo, evidentemente que se trata de uma universidade pública, paga com dinheiro público para um grupo bastante privilegiado que nós fomos, recebemos um investimento desproporcional em relação à média que os outros brasileiros recebem como investimento do Estado.

Então, essa atitude dos meus colegas da época, dos meus contemporâneos, de culpar os denunciadores e de se colocar acima das regras é atitude que eu vejo hoje, que eu li pelos

jornais que se repetiu quando as primeiras alunas começaram a denunciar as violências sexuais que sofreram nas festas da faculdade. Ou seja, uma atitude que se tivesse sido, se tivéssemos feito alguma coisa a mais, a comunidade da faculdade em 1993, em 1994, quem sabe algumas dessas coisas teriam sido evitadas, algumas pessoas teriam sofrido a menos. Então, essas meninas. E, eu lembro que cinco ou seis anos depois dessa denúncia, no final dos anos 1990, houve a morte do calouro durante o trote dos calouros. Eu era na época preceptor da residência de psiquiatria, eu lembro que eu fui chamado muito cedo pelos professores titulares, “olha, aconteceu isso, vamos ficar de prontidão porque certamente vai abalar toda a comunidade”. A Justiça brasileira determinou que não há um indivíduo culpado por essa morte, esse caso chegou até o Supremo Tribunal Federal.

Agora, é evidente que qualquer pessoa que passe, eu passei exatamente por aquele mesmo trote, que veja aquela situação que se produz no trote e imagine que aquilo vai se repetindo ano após ano, em algum momento algum problema vai acontecer. Você não joga 180 pessoas numa piscina pequena, barrenta, sem conhecer quem são as pessoas, sem saber quem sabe nadar, quem não sabe, quem foi obrigado a tomar cachaça...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – No mergulho coletivo onde morreu o Edson Tsung Chi Hsueh foram jogados 180 calouros dentro da piscina, não foi?

O SR. LEON GARCIA – Isso, no meu ano foi assim, imagino que deve ter sido a mesma coisa, todo ano era a mesma coisa. Então, você começa a correr riscos sempre nessa ideia de que “não, tudo bem, nós sabemos o que fazemos. Não venha nos dizer o que é para fazer porque nós sabemos muito bem, nós somos alunos da Faculdade de Medicina”. Esse acho que é o mais danoso de tudo isso. Evidentemente que tem os atos individuais mais violentos que precisam ser apurados e responsabilizados, claro.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Leon, me deixa te fazer uma pergunta, interrompendo, que eu não queria interromper, embora nós tenhamos muitas

peessoas para depor hoje. Teve algum professor, além dos seus colegas, que rejeitou o fato de vocês terem escrito artigos, teve uma ação mais dura de gente importante lá dentro da faculdade que você pudesse nos revelar qual foi a reação dos professores à época?

O SR. LEON GARCIA – Eu não soube diretamente nem presenciei nenhuma reação de professor contra o que eu tinha escrito ou contra o jornal, eu não soube, não estou dizendo que não houve, eu não soube. O que houve, que eu soube alguns anos depois... na época, isso foi no quarto ano, depois quando eu fui prestar o exame de residência para psiquiatria na faculdade eu recebi de dois amigos, amigas e amigos, relacionados à gente do Show Medicina a informação de que ia ser muito difícil eu passar na residência, que eu e minha namorada teríamos dificuldade de passar por conta do episódio da denúncia do Show Medicina. Para lembrar, na época a denúncia resultou numa sindicância interna em que eu fui ouvido junto com outros alunos e o Show acabou perdendo o direito de usar o teatro da faculdade durante alguns anos, eu não sei quantos anos, mas depois retornou.

A SRA. – Dois anos.

O SR. LEON GARCIA – Dois anos só. Na época da residência eu recebi essas ameaças, acabei passando na residência, não houve nenhum problema, tinha um critério objetivo de provas, acho que seria difícil. Mas, depois eu ouvi de quem era o meu preceptor na residência, que tinha participado da minha banca de seleção, tinha feito a entrevista para a minha seleção, portanto, me atribuiu uma nota, ele era um antigo membro do Show Medicina e ele me disse, na frente de outras pessoas inclusive, que tinha recebido pressões explícitas de colegas do Show Medicina, que ele não nomeou, para que não me aprovasse no exame. Que ele precisava fazer alguma coisa para me prejudicar no exame, porque era inadmissível que alguém que tinha prejudicado o Show Medicina não sofresse represália.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Será que você pode só refazer essa fala? Quem pediu, como é que foi? Só refazer.

O SR. LEON GARCIA – O que eu posso contar é o seguinte. O preceptor da residência de psiquiatria no ano de 1997, que é o Marco Aurélio Peluso, que foi um amigo à época, me revelou que ele, que tinha sido membro do Show Medicina, foi procurado por membros do Show Medicina na época do meu exame de residência para que ele me prejudicasse nesse exame. Ele participava da banca julgadora e ele foi pressionado por membros do Show Medicina que ele não me disse quem era, não faço a menor ideia de quem seja, para que me reprovasse, me desse uma nota ruim que pudesse me reprovar.

Na época, quando eu ouvi isso já estava no segundo ou terceiro ano de residência, fiquei surpreso, sinceramente, não imaginei que chegaria a esse ponto de ameaça, mas, eu disse, bom, isso passou e a vida segue adiante.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Está dentro do que foi dito aqui que se revelar o trote será prejudicado nos estudos e na carreira. Quer dizer, aí é um prejuízo nos estudos. E como se dá o prejuízo na carreira dos que revelam trote ou dos que fazem, como você fez, um artigo? Como isso prejudica na carreira, o que acontece?

O SR. LEON GARCIA – Veja, tem determinadas carreiras em que a presença de membros da Atlética e do Show Medicina é mais forte: nas carreiras cirúrgicas, de maneira geral, e na ortopedia, particularmente. Então, de fato, para quem quer fazer carreira com cirurgia e na ortopedia, ao longo da graduação ajuda muito você já participar de determinados grupos de pesquisa, grupos que auxiliam professores cirurgiões. E sempre havia uma conversa, antes desse episódio de denúncia do Show Medicina, de que ser membro do Show Medicina de alguma forma ajudava a entrar em determinados grupos ligados a professores da área de cirurgia e na ortopedia, que são lugares onde você faz

relações sociais, onde se faz relações de confiança, e que isso ajuda a entrar nesses grupos. Entrar nesses grupos ajuda a entrar na residência, entrando na residência, sendo parte desses grupos, isso pode redundar num convite para ser o auxiliar de um cirurgião na sua equipe de cirurgiões, na indicação de pacientes. Então, a gente sabe que nas profissões liberais, essa indicação dos pares e a formação desses grupos de afinidade que trabalham juntos é muito importante.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – É isso o que eu queria saber, como é que se faz parte do grupo, por indicação, então?

O SR. LEON GARCIA – Desses grupos de auxiliares?

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – É.

O SR. LEON GARCIA – É, era indicação, era uma seleção. Em geral, aqueles que, por exemplo, na época o professor Gama tinha um grupo e os auxiliares do professor Gama eram conhecidos como os gametas. Então, os gametas de um ano indicavam os gametas do ano seguinte. Da mesma forma como a diretoria de um ano do Show Medicina indica a diretoria do ano seguinte do Show Medicina e da Atlética. Diferente do caso do Centro Acadêmico onde tem eleição, pelo menos tinha, isso na minha época.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Esse prejuízo que o senhor descreve se dá dentro da vida acadêmica e logo no início da carreira, né? Você sabe me dizer se depois, para frente, em médio prazo, lá para frente acontece algum tipo de ação ou perseguição que prejudique na carreira?

O SR. LEON GARCIA – Não tenho notícia disso.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Um convênio médico que é negado de participar, algum contrato que ele é excluído, se tem algum tipo de coisa já lá fora, extra-faculdade, que prejudique quem na faculdade não pactuou?

O SR. LEON GARCIA – Não, não tenho notícia, não sei dizer.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Boa tarde professor Leon, muito obrigada pela sua presença. Eu fiquei muito feliz de conhecer o filho de uma das grandes amigas minhas, das quais não era amiga pessoal, mas era uma pessoa com a qual a gente mantinha relacionamento escrito, etc, até pelas coisas que fazia e por tudo que fez de importante, principalmente na questão da defesa da mulher. Você tem parte de um gene nobre.

Professor Leon, o senhor entende que pelo fato do trote ou do Show Medicina e de tudo que acontece lá dentro ser uma coisa que é tida como impune, que o silêncio é um fato comum, que pode existir uma fraternidade e essa fraternidade é feita pela direção da universidade, pelo Show Medicina e pela Atlética. Que toda a situação em que se colocam esses seres humanos acima do bem e do mal eles estão empoderados por uma própria situação que ocorre dentro da universidade, que eles são tão acima do bem e do mal, que eles conseguem fazer a apropriação indébita de patrimônio público. O senhor não acha que essas pessoas podem ser tidas, até por suas práticas e suas comunidades e fraternidades, como torturadores? Por uma avaliação psiquiátrica.

O SR. LEON GARCIA – Olha, o que eu acho é o seguinte, esse relato que eu tive do trote e os relatos frequentes de “pascu” acho que são atos de tortura.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Obrigada, estou satisfeita.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Vou fazer a última pergunta, Dr. Leon. Eu faço uma linha do tempo no primeiro ano da faculdade: primeiro é o trote, que depois da morte do Edson está proibido, mas ele tem outras formas, aí começa o treinamento, vai para a Intermed e quando volta da Intermed tem o Show Medicina. O Show Medicina foi se degradando ao longo dos anos ao ponto do show que foi o ano passado. Eu estou tentando obter os CDs, os vídeos do Show Medicina, só tenho cópias de celular, cópias tecnicamente muito mal elaboradas, nós não conseguimos ouvir bem.

No ano passado foi a Ópera da Geni. Era Ópera do Malandro, eles fizeram uma deturpação com a obra do Chico Buarque, eles inverteram exatamente uma obra tão importante da época da ditadura que era a Geni, que era o símbolo da resistência à ditadura. E eles fizeram aquele escárnio, transformando mais ou menos naquele estilo do filme “Cabaret”, aquela coisa bem decadente do nazismo da Segunda Guerra Mundial, aí eles inverteram a Ópera do Malandro. E a Geni era um grupo de um coletivo feminista, de defesa, tal, e o tema bastante cultural era “joga bosta na Geni”, que eles se orgulham fantasticamente. E aí, eles pegaram um aluno como símbolo, o Felipe Scalisa para destruir o aluno no palco.

Quer dizer, além desse negócio do “Cabaret” tem uma coisa que eu fico muito impressionado que é esse negócio de só entrar homem, as mulheres tem que ficar na costura, aquela coisa do teatro chinês, que os atores masculinos fazem os papéis femininos devidamente travestidos, é uma coisa que a gente teria que estudar. Agora, em resumo, o Show Medicina é uma apologia ao crime, apologia a tudo de ruim que a sociedade imagina. Só que eles ainda estão no século passado, achando que esse tipo de apologia ao crime está no capítulo da vida privada, que a vida privada não está enquadrada na vida pública, como se um homem chegasse, esbofeteasse uma mulher, chamasse um cara de bicha, de gay, e tem uma regra: homossexual não pode se formar médico a não ser que se esconda o tempo todo porque é como se fosse um alistamento militar. Homossexual tem que ser perseguido até desistir, e as meninas a maioria delas.

Então, uma das coisas que nós estamos fazendo campanha nessa CPI é equiparar o trote no nível da prática da tortura e o Show Medicina no capítulo da apologia ao crime. O senhor vê a quantidade de brilhantes advogados que os alunos estão acompanhados aqui hoje, porque você conhece a identidade do Caoc, conhece a identidade da Atlética, mas o Show Medicina continua como uma sociedade secreta. Então, Dr. Leon, o senhor, com toda a tradição da sua família, o histórico, eu queria que o senhor fizesse uma consideração. Eu vi que o senhor está muito contido, muito respeitoso por tudo, porque, imagina, um aluno da Faculdade de Medicina da USP, formado, hoje um psiquiatra, vem falar diante desses jovens todos aqui, bem nascidos, sobre o Show Medicina. Então, eu queria que o senhor fizesse uma fala, que o senhor nos traduzisse porque as histórias que nós temos do Show Medicina...

Imagina o senhor o que eles fizeram esse ano. Eles, não contentes, foram lá naquela passagem subterrânea, apagaram todos os grafites recém-feitos de um movimento de grafiteagem, apagaram e puseram a caveira da morte, a caveira do show, o símbolo da morte. E as histórias são terríveis, cada dia uma história pior que a outra. Bom, então eu queria que o senhor fizesse uma fala, porque eu considero a fala desses psiquiatras do seu grupo que está vindo aqui enfrentar tão importantes que eu queria que o senhor fizesse uma fala final para nós três deputados, para que nós possamos ouvir esses jovens, por favor.

O SR. LEON GARCIA – Eu quero só reiterar a importância da realização desta CPI. Eu tive essa experiência amarga, não foi uma experiência sozinha, quer dizer, um grupo de alunos, alguns amigos, outros simplesmente unidos por uma visão da faculdade e da sociedade brasileira, resolvemos correr alguns riscos para denunciar uma situação. Denunciamos essa situação e fomos culpabilizados por denunciar essa situação e assistimos ao longo do tempo a situação permanecer não só igual, mas piorando até chegar nesse ponto atual. Eu estou convencido que isso é responsabilidade, em primeiro lugar, da comunidade da Faculdade de Medicina, da USP, da própria universidade que não se preocupa em fazer a formação cidadã dos seus alunos, é evidente. Porque se se preocupasse pelo menos tomaria medidas para impedir essas violências, mas se se preocupasse para valer, teria um programa para pensar como é que se fazer a formação de cidadãos. Esse

programa não significa fazer, como está se discutindo agora “ah, vamos criar uma matéria de direitos humanos para os alunos”. Ótimo, bacana, legal, na minha época acharam que precisava criar uma matéria chamada Bases Humanísticas da Medicina, eu fui professor dessa matéria. Era um pouco respondendo a essa necessidade de fazer alguma coisa.

O importante é que você tenha transversalmente ao longo da formação do médico, principalmente na sua formação com os pacientes e no hospital, o tema do respeito aos direitos humanos como um tema forte, e esse claramente não era um tema forte. Os professores é que precisam ser formados em ética médica quando vão, por exemplo, lidar com pacientes na frente de um grupo de estudantes. Então, tem um esforço que a faculdade não fez, deixou de fazer e que eu estou convencido de que ela nunca faria sozinha se não fosse intervenção da imprensa, dos parlamentares e aqui dessa Assembleia.

Quando começaram as denúncias na imprensa recentemente, eu me manifestei com um e-mail que um colega reproduziu no Facebook, e qual não foi a minha surpresa quando eu contei essa história da pressão para que eu não entrasse no exame da residência, e a minha surpresa foi que um comentário que veio de um ex-colega meu, que eu não via, não tinha contato há 20 anos, foi justamente “puxa, mas por que ele vem denunciar agora isso de novo, qual é o interesse”? Ou seja, de novo a mesma lógica que o problema está com quem denuncia. A primeira reação desse colega, que não é uma pessoa violenta, nunca foi violento comigo, foi essa: deve ter algum problema, alguma coisa errada com o sujeito que volta a esse tema recorrentemente de denunciar abusos de direitos humanos e dizer que isso não pode ser visto como ato de uma, duas, três ou quatro pessoas e que a solução, portanto, é punir essas pessoas.

As pessoas precisam ser punidas, claro, mas fundamental é impedir que se crie uma cultura que torna isso possível. E, nesse sentido, o que me surpreende até hoje e continua me surpreendendo agora em que isso virou como a gente queria na época, a gente queria que isso virasse um tema da imprensa. Saiu no Jornal da USP, no jornal do campus, mas nunca chegou na grande imprensa na época a nossa denúncia. Hoje que chegou, que sai na televisão, na internet, aqui na CPI, eu continuo ouvindo o que para mim é um silêncio ensurdecedor, que são todos os ex-membros do Show Medicina que hoje têm a minha idade, 43 anos, 50 anos, 60 anos, que são professores da faculdade, assistentes do hospital como eu, professores titulares, escrevem em revistas científicas importantes, escrevem na

Folha de São Paulo, nenhum desses ex-membros ilustres do Show Medicina vem a público dizer: olha, eu fui membro dessa organização aqui e descordo radicalmente do que ela vem fazendo, na minha época não era assim, ou era e eu não sabia que era assim, ou era e eu sou contra agora. Não interessa os motivos, mas que essas pessoas venham a público porque eu acho que são essas pessoas, e acho que vocês são atuais membros do Show Medicina, talvez alguns de vocês que estão aí. Acho que são essas as pessoas mais habilitadas a conversar com vocês e dizer: oh, velho, está errado, isso aqui não está certo, nós não aprovamos mais esse tipo de conduta, não é bacana fazer isso, não é mais legal fazer isso. Eu se fiz isso acho que estava redondamente equivocado. Não dou mais dinheiro, não assino mais o livro de ouro do Show Medicina para financiar esse tipo de atividade.

Isso depende da iniciativa desses professores e dessas pessoas que têm não só acesso à mídia, mas dentro da faculdade uma posição de destaque, uma capacidade de serem ouvidos porque são admirados, porque são aqueles que vão depois trazer esses alunos de agora para fazerem parte das suas equipes de cirurgia, dos seus laboratórios de pesquisa, quem sabe para ser o seu assistente no consultório, então, esse é o jeito que nós vamos virar. Se fosse partir de dentro, mas eu vou perdendo a esperança de que vá partir de dentro e por isso aposto muito na ação dessa CPI e da imprensa para que, de fato, se crie um clima e que não seja mais tolerado esse tipo de situação.

Então, o meu maior temor, e conversando com alguns colegas com quem eu vivi essa situação, é que nós não podemos perder essa oportunidade de ir até o fim as consequências que tiveram esses atos. Que as pessoas individualmente responsáveis sejam responsabilizadas nas instâncias corretas, que se pense qual é a melhor forma de aplicação da legislação, acho que precisa repensar realmente. Acho que não está servindo como uma forma de dissuadir as pessoas de cometerem esses atos, mas que também a faculdade assuma a sua responsabilidade como instituição e pense o que vai fazer para além das iniciativas do tipo “ah, uma matéria assim, vamos criar um centro”, tá bom, mas e aí? O que isso vai redundar, como é que a gente mantém um compromisso com a sociedade paulista, pelo menos, de que vai se acompanhar que resultado tem a criação desse centro, o que vai ser essa matéria de Direitos Humanos ou as outras reformas do currículo que vão ser feitas?

Para ser justo, o gesto do Paulo Saldiva, que rompeu com o cargo em que ele estava por achar que ele estava sendo parte de mais um processo de empurrar com a barriga uma situação dessa gravidade, esse foi um gesto de coragem, essa foi uma pessoa que disse: “olha, no meu nome não”. E é uma pessoa importantíssima, não sei como que é hoje, mas na minha época era alguém ao mesmo tempo muito de poder dentro da hierarquia da faculdade, era um professor titular na minha época, mas era alguém de enorme influência junto a todos os alunos, do Centro Acadêmico à Atlética, porque era um esportista, porque era um excelente cientista, porque era uma pessoa que estava próxima dos alunos, diferente de boa parte dos professores. Então, essas são pessoas que têm capacidade de influenciar os alunos que estão se formando aqui.

Tem uma boa notícia que uma das pessoas que mais contribuía com o livro de ouro fez um depoimento para nós aqui. É um depoimento que é uma tortura para determinadas pessoas, mas ele pôs a cara para bater. Danilo, pode pôr por favor, para que os jovens vejam de cara própria o depoimento que ele fez para a abertura desses trabalhos aqui. Alguns já conhecem.

(Exibição de vídeo)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Dr. Leon, muito obrigado, vir de Brasília dar essa contribuição, o senhor emprestar seu nome, importantíssimo para a gente, muito obrigado por tudo que vocês fizeram por essa terra. Obrigado. (Palmas.) Vamos suspender por dois minutos?

(Sessão é suspensa)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Antes de retomar os trabalhos dos sete convocados, só está presentes três, né? O Artur Danila, o Renan Maloni e o Vinicius Diniz, é isso? Os outros quatro alegaram que não sabiam... Os outros três porque um é o Leão Lobo. Os outros três que alegaram que não sabiam, o advogado que estava aqui representa os outros três? Flávio Augusto, Silvio Tacla e Leonardo Bicarata, eles estão justificando que não souberam, que não chegaram a receber. Então, vamos começar com os três presentes. Pode vir para a mesa o Artur Danila, o Renan Maloni e o Vinicius Diniz. Um senta lá ao lado do deputado Marco Aurélio e dois sentam ao lado da deputada Sarah.

A mesa é Renan, Artur, deputada Sarah, Adriano, Marco Aurélio e Vinicius. O primeiro lá da ponta é o Renan Maloni Augusto, o segundo é o Artur, e o terceiro, aqui da ponta é o Vinicius Diniz. O Leonardo Turra não veio, né? Alegou que não sabia. Vinicius, você está muito tenso, começa você aí vai drenando. Vinicius Diniz, estudante da Faculdade de Medicina da USP.

O SR. VINICIUS DINIZ – Boa tarde a todos. Meu nome é Vinicius Diniz, eu sou aluno do sexto ano da Faculdade de Medicina da USP, eu sou integrante do Show Medicina, estudei em escola particular, fiz curso preparatório para o vestibular e ingressei na Faculdade de Medicina da USP no ano de 2010, pertencendo à turma 98 da Faculdade de Medicina da USP. Pensei em começar, depois de ouvir o comentário do Dr. Leon, realmente é um pouco assustador o panorama que ele apresenta para todos aqui e acho que é importante ressaltar que existem diferenças que aconteceram na Faculdade de Medicina da USP, principalmente após o trágico evento ocorrido na piscina da Atlética, com a morte de um calouro, na época, Edson. A faculdade foi muito mais ativa, coibiu muitas situações. E, assim, em relação ao Show Medicina, o Show Medicina é uma associação cultural que tem por objetivo fazer uma apresentação teatral. O objetivo básico do Show Medicina é fazer uma apresentação teatral. A apresentação do Show tem um caráter satírico, os assuntos são principalmente baseados nas experiências dos alunos vividas dentro do hospital e estimula até a veia artística dos próprios alunos. O Show é constituído por alguns grupos, existe o grupo do balé, do coral, do grupo lírico, do quadro, e existem os esquetes

dos calouros, eles fazem esquetes entre os quadros. Eu, como função no Show, eu sou diretor de iluminação e também sou membro do balé, Balé Universitário da Medicina.

O Show Medicina me possibilitou um importante aprendizado na faculdade porque sem dúvida nenhuma o Show Medicina é a instituição de maior variedade. São diferentes vertentes de pensamento político, ideológico que existem no Show, todos convivendo e produzindo essa apresentação, uma convivência bastante intensa, na verdade. Inclusive, acredito que o Show Medicina é a instituição com o maior número de homossexuais assumidos dentro da faculdade, sem dúvida alguma. O Show Medicina é a instituição que maior recebe número de homossexuais. Então, é muito estranho eu ouvir que o Show Medicina é homofóbico, é muito, muito, muito estranho. Historicamente, o Show agrega homossexuais e continua, sem dúvida nenhuma, agregando eles sem tipo de repúdio nenhum.

Falando um pouquinho do que eu ouvi agora, algumas diferenças importantes que eu ouvi. Primeiro, o Dr. Leon até chegou a citar, existia um embate entre Centro Acadêmico e Show Medicina. Hoje, eu posso também falar que não existe embate. O diálogo entre o Show, o Centro Acadêmico ou qualquer outro coletivo, pessoa que quiser ir lá conversar, dialogar, o Show Medicina sempre está aberto, sendo que ele chegou a conversar com a maioria dos coletivos, com qualquer um que se sentia de alguma maneira prejudicado, ofendido, enfim.

Falando um pouquinho já das minhas experiências, o vestibular do Show para mim foi um pouco diferente do que ele foi citado. Realmente, existe o chamado vestibular, que na verdade não seleciona ninguém. O vestibular do Show Medicina consiste num teste de aptidão mínima teatral, consiste numa prova teórica, entre aspas, que tem conhecimentos culturais gerais e na prova prática, que constitui numa apresentação. A minha apresentação eu realizei sozinho e durante a minha prova prática eu, na época, fazia esporte, fiz algumas acrobacias no palco e foi essa a minha participação e consegui uma nota adequada. Em nenhum momento foi necessário eu ficar nu no palco, em nenhum momento fui obrigado a alguma coisa, se eu quisesse sair do vestibular em qualquer situação eu poderia ter saído. Eu acredito que, não posso afirmar nada de como era antes, mas eu não presenciei nada disso.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Eu queria pedir para o senhor, respeitosamente, que o senhor não debochasse da nossa inteligência e do nosso conhecimento, falasse de uma forma mais natural, porque se não eu vou passar a palavra, o senhor está numa CPI, eu vou passar a palavra para os outros. Por favor, seja um pouco mais transparente, estou me sentindo mal com o seu depoimento, por favor.

O SR. VINICIUS DINIZ – Perdão se Vossa Excelência... Eu não estou aqui para brincadeira.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não precisa me chamar de Vossa Excelência, pode me chamar de senhor que está muito bem, que eu vou chamá-lo de senhor o tempo todo.

O SR. VINICIUS DINIZ – Senhor deputado, eu não estou aqui para brincadeira, eu estou falando aqui o que...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Por favor, seja um pouquinho... Eu não quero fazer perguntas que o constanjam na frente dos seus colegas, quero me acalmar. Por favor, fale de uma forma mais pessoal, da sua trajetória. Não venha nos ensinar o que é o Show Medicina, seus conceitos, seus comentários. Quero saber dos fatos, dos fatos, por favor.

(Fala inaudível)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Na hora que eu precisar da sua opinião, eu ouço. Por favor, por favor, o senhor nem é o advogado dele, por favor.

O SR. VINICIUS DINIZ – Em relação às afirmações de qualquer tipo de benefício em relação ao Show Medicina, na verdade, eu não tive nenhum benefício. Para participar do Show Medicina a gente fica acordado de madrugada, a gente por ficar acordado de madrugada acaba tendo que se organizar muito mais para conseguir estudar, a gente se organiza muito mais para conseguir desempenhar as funções dentro da faculdade. E também eu considero isso aí algo interessante para o meu próprio desenvolvimento pessoal.

Não existe nenhum grupo que privilegia alunos do Show Medicina, em nenhum momento existiu. Existe uma questão de afinidade sim, afinidade por essa proximidade que vocês tem com as pessoas do Show ou mesmo na Atlética, no Centro Acadêmico ou em qualquer grupo, você acaba tendo relações de afinidade. E as relações de afinidade são consequentemente, no seu trabalho posterior, você acaba tendo certa afinidade com essas pessoas. Então, eu vejo que só isso daí é o único benefício possível que eu posso ter, as relações de afinidade que a própria atividade me dá.

Em relação à questão feminista, de fato existe uma separação, existe o grupo da apresentação e o grupo da costura, no grupo da apresentação só é permitido homens e no grupo da costura só é permitido mulheres. A questão é que a costura e a apresentação foram criadas, historicamente, há muitos anos, eu não sei até dizer exatamente há quantos anos aconteceu isso, só que depois de serem criadas, elas acabaram criando rumos e identidades diferentes dentro da instituição. A costura tem a sua identidade, a apresentação tem a sua identidade. Nós, em concordância, já discutimos mais de uma vez com o pessoal da costura, a possibilidade de elas fazerem parte da apresentação, mas em nenhum momento elas quiseram fazer parte. Isso daí foi uma discussão e a conclusão disso foi totalmente em concordância em relação a isso, pelo menos a grande maioria da parte da costura.

Aliás, eu acho que a parte feminina da apresentação é bem interessante para o Show Medicina, acho que a parte feminina só teria a acrescentar ao Show, porque as meninas são ótimas dançarinas, muito melhor do que os homens do balé, eu acredito, as meninas têm grande capacidade de interpretar e isso vai acontecer. Essa discussão só precisa ser um pouco melhor amadurecida para que a instituição consiga se adaptar a esses novos moldes, e as mudanças ocorrerão naturalmente, assim como foi conversado com os demais grupos.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Deixa eu perguntar uma coisa para o senhor. O senhor entrou em que ano?

O SR. VINICIUS DINIZ – 2010.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O senhor fez vestibular para o Show em que ano?

O SR. VINICIUS DINIZ – 2011.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Da organização de quantos Shows o senhor participou?

O SR. VINICIUS DINIZ – De nenhum.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O senhor não participou de nenhum show?

O SR. VINICIUS DINIZ – Organização eu não participei, eu não faço parte da organização.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Só na condição de primeiro ano participou do Show?

O SR. VINICIUS DINIZ – Eu participo do Show desde o segundo ano, eu participei de quatro Shows Medicina...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Essa é a pergunta.

O SR. VINICIUS DINIZ – Mas da organização em si eu não participei de nenhuma.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não, tudo bem. Participou de quatro Shows Medicina?

O SR. VINICIUS DINIZ – É, como “estrela”.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Como “estrela”. Faça na cronologia do primeiro, segundo, terceiro e quarto ano que o senhor participou do Show, de qual era o tema do Show. O senhor é do Show, né? O senhor pode me trazer o disquete do Show, aquele produzido pelo Show, o programa do Show, de cada um que o senhor participou, a sua função. O senhor podia fazer um histórico de quantos Shows o senhor participou, de quais Shows, qual era o tema de cada Show. O senhor participou desse último da Geni, não participou?

O SR. VINICIUS DINIZ – Participei.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tinha os três anteriores. O senhor podia fazer uma cronologia, uma linha do tempo dos shows que o senhor participou?

O SR. VINICIUS DINIZ – Em relação a esse ano, o CD ainda não foi disponibilizado porque a empresa que fez a gravação ainda não foi paga, por isso ainda não foi disponibilizado, essa é a questão. Eu participei do espetáculo do balé, do grupo do balé esse ano, o tema do balé desse ano foi Ópera do Malandro, envolveu músicas do Chico Buarque, principalmente, e músicas brasileiras. O tema, bem amplo, mais específico em relação à Geni, eu participei da cena como bailarino apenas, mas não tive nenhuma participação na produção da cena ou na questão de pensar ideologicamente. Aliás, o tema e as músicas foram escolhidas em outubro de 2013, no final do Show de 2013, então, tudo estava escolhido, tudo já estava sendo preparado antes de qualquer situação apresentada pelos coletivos, principalmente pelo coletivo Geni, que é a principal afetada em relação a essa música, tudo já tinha sido muito preparado e, no final das contas, foi uma música do Chico Buarque. O Show é uma apresentação que visa, através da sua apresentação, uma análise da situação, uma crítica, e só foi uma dança, não teve fala nenhuma nem nada demais.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E os anos anteriores?

O SR. VINICIUS DINIZ – Teve um ano que o tema do balé foi Pequeno Príncipe, foram músicas escolhidas, mais ou menos baseadas nos capítulos do livro. Eu também não participei da organização, eu apenas dançava no espetáculo, não participei da produção nem nada disso. Além do Pequeno Príncipe, no ano anterior, no ano que eu era calouro do Show,

em 2011, foi Corrida Maluca, o tema do balé foi Corrida Maluca, as fantasias eram muito grandes e também era uma questão de dança. E eu não me recordo de um deles.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Então, deixa eu fazer a pergunta mais clara, vai. Quer dizer que Ópera do Malandro é uma obra do Chico Buarque de Holanda, aquele cantor de Música Popular Brasileira? É isso que os senhores interpretaram? E a Geni estava lá por acaso, não tinha nenhuma conotação com outra coisa que ocorresse na faculdade. A Corrida Maluca, O Pequeno Príncipe também era uma coisa isolada, foi o Saint Exupery que foi homenageado no Show Medicina. Que mais o senhor tem para falar da cultura acadêmica da Faculdade de Medicina. Eu queria que o senhor dissesse na sequência quais eram as comparações, quais eram as ilações que estavam contidas nos espetáculos, para o senhor não vir me dizer que Chico Buarque de Holanda compôs a Ópera do Malandro. Qual era a ilação, qual era a comparação, qual era o objetivo de encenar a Ópera do Malandro e centrar na questão da Geni? Qual que era?

O SR. VINICIUS DINIZ – A questão é que eu não fui o coreógrafo desse ano. Então, se existia algo por trás disso, eu não sei. Não fui o coreógrafo desse ano, ele escolheu o tema e ele fez. A questão da Geni é uma parte da Ópera do Malandro e apareceu com destaque no Show Medicina, assim como outras cenas da Ópera do Malandro. É porque a Geni tem mais destaque, mas a Geni é a questão do... Também existe o viés crítico no sentido de que na Ópera do Malandro a Geni é um travesti que depois de não ser usada mais pela sociedade tem a cena da Geni, que é a música dela. Enfim, o coreógrafo falou que poderia explicar isso para você, mas eu, de fato, não participei da produção disso.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não tinha nada de homofóbico, né? Não era contra nenhum agrupamento, não era contra nenhuma pessoa, nenhuma pessoa foi hostilizada no palco, o nome da pessoa não foi falado, a pessoa não foi imitada...

O SR. VINICIUS DINIZ – Se a pessoa foi imitada, isso não foi um quadro que eu produzi, foi um outro quadro. Eu estou falando do balé. No balé eu não sei se teve uma crítica velada ao grupo Geni ou não porque eu não produzi, eu apenas era o bailarino.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O senhor conhece o coletivo Geni da Faculdade de Medicina da USP?

O SR. VINICIUS DINIZ – Eu conheço.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O senhor conhece o Felipe Scalisa?

O SR. VINICIUS DINIZ – Conheço também.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O senhor é capaz de localizá-lo nessa sala?

O SR. VINICIUS DINIZ – Ali.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O que os senhores fizeram com o personagem dele, com a pessoa dele no palco, o senhor pode reproduzir?

O SR. VINICIUS DINIZ – Então, eu não interpretei nenhuma cena que se referisse a ele, nenhuma cena. Você sabe disso. Eu não interpretei nenhuma cena que se referisse a ele. Eu fiz parte do balé Medicina.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tá bom. Sarah Munhoz.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – O fato de você dizer assim que pertenceu ao balé, você está dizendo o seguinte: eu só sou responsável pelo que eu fiz, o resto são responsáveis os outros, e a sua convivência?

O SR. VINICIUS DINIZ – Eu não tinha acesso à questão da construção do espetáculo. A minha convivência era: eu era um bailarino.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Eu queria perguntar algumas coisinhas, você fica à vontade para responder ou não. Qual é a profissão do seu pai?

O SR. VINICIUS DINIZ – Meu pai é médico.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Médico formado pela?

O SR. VINICIUS DINIZ – Universidade de Santo Amaro.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Sua mãe?

O SR. VINICIUS DINIZ – Minha mãe é enfermeira.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Enfermeira formada por onde?

O SR. VINICIUS DINIZ – Pela Universidade de Mogi das Cruzes.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Você se sente bem amado pelos seus pais, pela sua mãe, pela sua família?

O SR. VINICIUS DINIZ – Eu me sinto.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Você nunca teve problemas psiquiátricos?

O SR. VINICIUS DINIZ – Nunca tive problemas psiquiátricos.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Fez algum tratamento de fonoaudiologia?

O SR. VINICIUS DINIZ – Também não fiz nenhum tratamento de fonoaudiologia.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Por que você está gaguejando tanto?

O SR. VINICIUS DINIZ – Porque eu estou nervoso por estar numa situação como essa com cinco câmeras na minha frente a qual eu nunca participei.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Então, para mim, eu imagino o seguinte. Quem não deve, não teme. Então, partindo desse princípio, eu acho que pelo que você está demonstrando aqui, que você é uma pessoa medrosa, e essa sua intranquilidade me faz entender que, para não ser marginalizado, isolado, separado socialmente da universidade, você se fez submisso ao trote. Esse trote fez um processo de lavagem cerebral e hoje você está aqui como um elemento que, simplesmente, não responde a nada com nada, não fala nada com nada, e quer que nós acreditemos que você seja um santo.

Dos relatos que foram passados aqui, um deles é o que você participou de uma brincadeirinha livre, leve e solta em relação a universidade onde você pegou extintores, junto com outros grupos, foi uma coisa premeditada, a gravação sumiu mas, graças a deus, a gente conseguiu alguns relatos, e tem gente que assinou esse documento, por isso eu estou repetindo, vocês simplesmente jogaram o pó químico em toda a universidade. E que você, além de pertencer esses quatro anos, você não participou só desses quatro Shows, você é fator integrante dessa Atlética e atuante dessa Atlética. Então, me faz pensar que você está achando que todos nós somos idiotas. Eu quero registrar a minha indignação em relação a você e quero te dizer o seguinte: a sua carinha, bem preparada pelo seu advogado, não nos traz tranquilidade nenhuma, muito pelo contrário. Você está mentindo.

O SR. VINICIUS DINIZ – Bom, em relação...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Eu também não quero falar nada mais e eu não preciso que o senhor responda mais nada, muito obrigado.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Vinicius, o Show Medicina, do qual você foi calouro em 2011, né?

O SR. VINICIUS DINIZ – Sim, senhor.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Foi o show pelo qual você foi admitido pelo Show Medicina, né? Esse Show que você participou em 2011, você considera que foi um show violento, foi tranquilo, foi só de artes cênicas, ou você se sentiu violentado, você se sentiu desrespeitado, em algum momento você se sentiu mal durante esse momento em que você era provado no Show Medicina, em 2011.

O SR. VINICIUS DINIZ – Então, senhor, em qualquer momento que eu tivesse me sentido dessa maneira, eu poderia ter saído do show. As pessoas não participam do show todos os anos da faculdade, é muito comum as pessoas desistirem mesmo e não participarem de todos os anos do show.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – É que esse foi o seu primeiro, né, que foi o seu vestibular, não é isso?

O SR. VINICIUS DINIZ – Sim, sim, por isso que eu não desisti, eu não me senti violentado de nenhuma maneira.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Em algum show, seja de 2011, 2012, 2013, 2014 teve algum membro, algum participante que saiu no meio?

O SR. VINICIUS DINIZ – Teve, teve mais de um sim.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Em 2011 você lembra se saiu alguém ou todos foram até o fim?

O SR. VINICIUS DINIZ – Em 2011 teve um aluno que saiu no meio, o Gabriel Igori, e pessoas que após uma semana também desistiram, não participaram mais. Entre eles até o Igor, se eu não me engano.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Esse alto nível de desistência era por conta do que?

O SR. VINICIUS DINIZ – O show tem uma alta carga de... Principalmente por ser todos os dias à noite atrapalha muito a faculdade. Pessoas que têm outras atividades, por exemplo, treinos, iniciações científicas ou congressos não conseguem levar os dois ao mesmo tempo, né?

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Então, você é uma pessoa muito especial, porque você joga rugby, quase que depreda o patrimônio público com... Até gostaria que você explicasse direitinho porque isso foi uma história que foi colocada aqui em relação ao

seu nome, a questão do extintor foi premeditada, não foi premeditada. Segundo consta, vocês usaram o extintor para uma brincadeira à toa ou foi para sacanear mesmo?

O SR. VINICIUS DINIZ – A questão do extintor, eu não estava presente no momento.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Querido...

O SR. VINICIUS DINIZ – O que foi...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Por favor, por favor.

O SR. VINICIUS DINIZ – Eu não estava presente no momento.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Seja honesto com a gente, seja honesto.

O SR. VINICIUS DINIZ – Eu estou sendo honesto, desculpa, mas eu estou sendo honesto. A questão do extintor, o que foi me passado foi que existia uma cena do quadro ou do (ininteligível) eu não lembro, em que eles precisaram simular uma neblina, uma fumaça, não sei. Eles encheram um saco de lixo com extintor do pó químico, e pela pressão do extintor o saco estourou. Foi isso que foi passado para mim. Ou estourou ou escapou, não sei, e acabou causando um transtorno que depois foi limpo e não teve mais repercussões sobre isso.

(Fala inaudível)

O SR. VINICIUS DINIZ – O extintor estava vencido.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – O Show, você fala que as pessoas ficam durante a madrugada. Que horas começa e que horas terminam as atividades?

O SR. VINICIUS DINIZ – A hora para começar é fixa, é às 20 horas, mas a hora de terminar é um pouco variável. Depende um pouco da proximidade da apresentação, principalmente no começo dos ensaios costuma terminar 1h, 2h da manhã.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Os ensaios são onde?

O SR. VINICIUS DINIZ – Existem ensaios que acontecem no Centro Acadêmico, ensaios que acontecem no teatro da faculdade e ensaios que acontecem em anfiteatros da faculdade.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Vocês precisam pedir permissão para usar o anfiteatro e teatro da universidade?

O SR. VINICIUS DINIZ – Sim, a faculdade nos permite usar o teatro e os anfiteatros.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Então, o que você está afirmando é que a universidade tem conhecimento de que vocês usam o patrimônio público em horário e em uso de coisas que não são pertinentes para aquilo que ele foi construído.

O SR. VINICIUS DINIZ – É, a faculdade disponibiliza o anfiteatro e o teatro para nós.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Senhor Vinicius, o senhor participou de quatro Shows Medicina, não é isso? Quatro séries, não foi?

O SR. VINICIUS DINIZ – Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Primeira pergunta, por quantos dias os calouros ficam à disposição dos veteranos depois do expediente por ocasião dos ensaios do Show Medicina em que horas? O senhor confirma que durante 45 dias, no mês de setembro a outubro, até a realização do show, os calouros, principalmente os do sexo masculino, ficam à disposição das 22h às 4h da manhã privados de sono, ensaiando, cantando, simulando, retirando a roupa, bebendo. O senhor não é organizador, o senhor não é coreógrafo, o senhor não é responsável, mas nós queremos saber se durante os quatro anos que o senhor participou do trote ou como calouro, os outros três como veterano, se existe a prática de que durante 45 dias os calouros ficam à disposição do Show nessa circunstância.

Segundo, a Ópera da Geni, que tem programa com a direção, etc, quem foi o diretor da Ópera da Geni, quem foi o coreógrafo, quem foi a pessoa que elaborou o texto, quem são essas pessoas dessa sociedade secreta? Os convites foram impressos, eles são públicos. Cada esquete está escrita lá a direção, porque como são... Os senhores têm todo aquele hinário, né, aquela coisa magnífica dos hinos que os senhores cantam, se o senhor precisar

eu reproduzo os hinários aqui, aquele da morte do Edson, que é o chamado Pacto 87, aquele pacto de silêncio que os senhores transformaram naquela bela música. Eu sei que o senhor não é do tempo do Edson. Já falaram que quando o Edson morreu o senhor devia... Um aluno disse que ele era muito pequenininho na época. Mas, não vamos falar do Edson aqui porque nós vamos trazer a família do Edson. Mas, nós queremos saber na primeira pessoa, não o que o show é, nós queremos saber...

Porque o nosso maior objetivo... Vou ser sincero par o senhor. Nós trabalhamos com duas perspectivas, daqui para trás e daqui para frente. Daqui para trás nós vamos tentar apurar algumas coisas, mas quem apura mesmo, quem leva às últimas consequências é o Ministério Público. Porque qual é o problema da Faculdade de Medicina? A Faculdade de Medicina não apura, abafa. Então, o maior compromisso que nós queremos, além de que o senhor possa responder com sinceridade as perguntas para não nos fazer mais de bobo, é o senhor dizer o seguinte: olha, eu reconheço que o Show Medicina é um atraso, é uma barbárie, e tudo que eu puder fazer para combater, para criticar toda essa prática, eu vou usar porque eu estou no sexto ano da faculdade e eu acho que teve coisas horríveis que lá aconteceram e que eu gostaria de contribuir, só isso.

Era a maior contribuição que o senhor poderia dizer aqui hoje, era dizer isso: realmente teve coisas. Por exemplo, invadir aquela madrugada, não foi o senhor, invadir o serviço de verificação de óbito e mexer nos cadáveres. Não foi o senhor, o senhor não está citado, o senhor não tem nada a ver com isso, mas aconteceu. Aconteceu numa noite do Show Medicina, a invasão do SVO. O negócio do extintor já vi que o senhor está tentando construir uma versão, nem vou perguntar mais para não constrangê-lo diante dos seus amigos aqui.

Mas, então, que o senhor fale alguma coisa que nós falemos assim “pô, serviu para alguma coisa esse trabalho”, uma luz, e não o senhor vir dizer que a Ópera do Malandro foi uma obra escrita por Chico Buarque de Holanda, para que todos nós, perplexos, falemos “nossa, que cultura, que fantástico”. Aí, eu podia lhe perguntar e quais foram as outras obras que Chico Buarque de Holanda fez no auge da ditadura que os senhores gostariam de encenar? E os senhores diriam “não, no próximo ano faremos O Irmão Alemão”, por exemplo. Que o senhor mostrasse essa erudição, essa coisa fantástica do resgate da memória. Mas, até agora nós só ouvimos bobagem aqui, estamos aqui desmoralizados

diante de todo mundo para o senhor vir dizer “não, olha, a Geni era um homossexual”, mas nem a Geni original o senhor leu, que vergonha, né? Que vergonha, fizeram uma deformação contra uma pessoa, contra um grupo de pessoas e vem aqui falar “não, a Geni era um homossexual que vivia naquela vila quando o Zepelim chegou”. Por isso que o senhor cantava com tanto orgulho “joga bosta na Geni, joga bosta na Geni”, estava achando que estava dando uma grande contribuição para a cultura brasileira.

Então, fala alguma coisa com sinceridade aqui para que nós possamos falar: não, está valendo a pena esse sacrifício todo, está valendo a pena, a humanidade está evoluindo, não está involuindo, não está indo para a barbárie, não está fazendo apologia da loucura. É isso o que nós queremos ouvir, só isso.

O SR. VINICIUS DINIZ – Em primeiro lugar, eu gostaria de falar que, sinceramente, a minha intenção não é desmoralizar nada aqui, eu acho a CPI de extrema importância e acho que está ajudando a sociedade a discutir assuntos de relevância na sociedade. O senhor comentou vários assuntos, eu tentei anotar, se eu esqueci de alguma coisa, por favor, só repetir que eu tento explicar.

Em relação aos calouros, as (ininteligível) dos calouros são iguais a de qualquer membro do Show Medicina. Eles ficam sim, ficam até tarde. Atualmente, eles não saem mais tarde, geralmente estão saindo no mesmo horário que nós. Em relação ao diretor geral e o coreógrafo, o diretor geral foi o Sílvio Barbosa e o coreógrafo da Ópera do Malandro foi o Pedro Paiva. Em relação às músicas que o senhor diz, acho que existem músicas cantadas por turmas, músicas cantadas pela Atlético, músicas cantadas por Show, e que são totalmente diferentes umas das outras, e é importante que essa diferença seja dita porque o Show Medicina em nenhum momento faz alusão à morte de calouro, em nenhum momento faz alusão à briga. As nossas músicas são geralmente focadas em situações do ambiente médico mesmo.

Em relação às críticas ao Show Medicina, concordo com o senhor, deputado. Como eu falei, eu acredito, de fato, que o Show precisa discutir novas tendências que estão sendo incutidas na sociedade. A questão da figura do homossexual, a questão da mulher, a sociedade está se adaptando a essa nova realidade e o Show Medicina, assim como

qualquer outra parte da sociedade também se adapta a isso. Tanto que eu sou favorável a entrada das mulheres na parte da apresentação, desde que seja junto e consensualmente com a parte da costura.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Por que tem que ser “desde que”?

O SR. VINICIUS DINIZ – Porque a costura representa as mulheres.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Olha só, quando você coloca “desde que” você já põe uma condição.

O SR. VINICIUS DINIZ – Perdão.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Por que homem não pode costurar?

O SR. VINICIUS DINIZ – Pode costurar também. Eu só acho que assim, a gente como grupo.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Olha, agora você foi falso, “desde que”.

(Fala fora do microfone: Desde que alguém costure, ou homens ou mulheres)

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Não senhor, não foi isso. Ele não disse isso, eu não sou surda e o senhor não transforme as palavras dele. Você disse o seguinte que a costura é das mulheres e que as mulheres poderiam participar do show “desde que”.

O SR. VINICIUS DINIZ – Desde que aja um consenso entre as integrantes, as mulheres e o Show como um todo, parte do grupo masculino e o grupo feminino.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Querido, “desde que haja consenso” é porque existe divergência.

O SR. VINICIUS DINIZ – Sim, doutora. Desculpa, doutora não, senhora.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Sou doutora, sou professora livre-docente da Universidade Federal de São Paulo, por favor, eu aceito essa deferência.

O SR. VINICIUS DINIZ – Desculpe, não a conhecia.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Não, você não é obrigado a me conhecer, mas você não precisa me pedir desculpas por me chamar de doutora porque academicamente eu tenho o título e não estou aqui à toa.

O SR. VINICIUS DINIZ – Concordo. Então, assim, essas questões das mudanças, elas estão sendo discutidas e estão sendo introduzidas no Show Medicina, assim como vão continuar a ser discutidas. As coisas, sim, irão mudar. Eu, como qualquer outro aluno, a

CPI está ensinando a gente, está ensinando também. As coisas precisam de adequações, mas não quer dizer que tudo esteja errado, não quer dizer que tudo que a gente faz seja danoso ou a nossa apresentação, que é uma apresentação teatral no fundo, seja o maior absurdo como tentam pintar aqui, é simples.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Vinicius, o que, na sua opinião, hoje é danoso no Show Medicina que deve mudar? O que você detecta como negativo ou danoso no Show Medicina hoje na sua concepção, na sua visão?

O SR. VINICIUS DINIZ – Eu acho que a questão das mulheres na parte da apresentação, a ausência delas. Eu acho que sim, é danoso, eu acho que poderia abrilhantar mais o espetáculo, seria interessante para a gente com isso. Além disso, eu acho que a questão de horário porque, de fato, principalmente quando você é interno, depois do quinto e sexto ano e você precisa ir para o hospital todo dia, fica um pouco difícil você ficar acordado às vezes até as 2h, 3h, 4h da manhã produzindo, mas também tendo as suas atividades no hospital. Então, até que a nossa sugestão tem sido intensificar o ensaio no fim de semana, coisas do tipo.

Eu acho que a questão dos temas de escolha precisam ser melhor debatidas na faculdade, de fato porque o Show Medicina precisa representar melhor os grupos da faculdade, os diversos grupos e as diversas vertentes ideológicas de pensamento que existem, até mesmo políticas. Nós somos, infelizmente, poucas pessoas, mas a gente teria que buscar mais isso...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – E bebida alcoólica, não tem a existência da bebida alcoólica no Show Medicina?

O SR. VINICIUS DINIZ – A bebida alcoólica é disponível para qualquer um do Show Medicina sim, ficam geralmente no Centro Acadêmico, essas coisas, e fica a seu critério o uso ou não da bebida alcoólica. Eu, por exemplo, treino e eu, até a Intermed, não faço uso de bebida alcoólica, então, eu fico $\frac{3}{4}$ do Show Medicina sem tomar nenhuma lata de cerveja.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Mas não existe nenhuma obrigatoriedade de calouros tomarem bebida alcoólica?

O SR. VINICIUS DINIZ – Não senhor. Eu, inclusive, como calouro, o vestibular do Show era antes da nossa competição e eu não tomava bebida alcoólica, assim como existe mais de um exemplo.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – E não tem algum tipo de encenação no Show Medicina, você já participou de quatro, encenações degradantes, como uma delas foi descrita aqui, mas a gente escutou também outros tantos depoimentos aqui de algumas obrigatoriedades que têm que ser feitas no palco, que acabam sendo degradantes e humilhantes. Não existe isso no Show Medicina?

O SR. VINICIUS DINIZ – Degradantes em que aspecto?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Cenas de sexo.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Se ficam nus, tem que pegar a banana ou laranja com as nádegas, transportar...

O SR. VINICIUS DINIZ – Eu posso falar, eu desconheço qualquer coisa que tenha acontecido. Desconheço veementemente que qualquer coisa tenha acontecido enquanto eu estava no show. Eu acho um absurdo você fazer o que ele descreveu aqui, pegar uma banana com as nádegas, eu acho, sinceramente, um absurdo.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O senhor sabe o que é o “pascu”?

O SR. VINICIUS DINIZ – Eu conheço o que é o “pascu” por ouvir falar.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O senhor já sofreu o “pascu”?

O SR. VINICIUS DINIZ – Não, nunca sofri do “pascu”.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Olha no meu olho. O senhor já aplicou o pascu?

O SR. VINICIUS DINIZ – Nunca apliquei o “pascu”.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Obrigado. Sabe o que é o “pascu”?

O SR. VINICIUS DINIZ – Assim, a descrição...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não, espera um pouquinho, vamos fazer diferente. Danilo, põe lá para ele lembrar, vê se coincide com esse aqui, por favor.

(Vídeo é exibido)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O senhor conhece isso aí, já viu isso aí?

O SR. VINICIUS DINIZ – Não, eu nunca presenciei um “pascu”. Assim, de fato, a descrição que eu tenho do “pascu” é totalmente diferente disso, totalmente diferente. A questão do “pascu” realmente é de... Principalmente porque tem um pedaço de pizza aí.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Qual é a sua descrição? Como você sabe o que é pizza?

O SR. VINICIUS DINIZ – Porque parece um pedaço de pizza.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Ah, parece é uma coisa. Ele está dizendo que ali o que tem é um pedaço de pizza, como ele sabe que é pizza ali?

(Fala inaudível)

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Ah, bom, aí é outro papo. Mas, por favor, você ia descrever qual é a sua versão do “pascu”, que você sabe o que é?

O SR. VINICIUS DINIZ – A versão que eu tenho conhecimento é parecida com a que o Dr. Leon descreveu. De fato, é uma brincadeira de mau gosto que eu acho que assemelha-se a levar ovada de aniversário, quando você fazia aniversário tinha essa brincadeira no colégio, ou então um cuecão no colégio. Essas coisas, brincadeiras idiotas e ocorria de passar pasta de dente, não sei se eu posso falar...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Pode.

O SR. VINICIUS DINIZ – Na bunda do indivíduo. E depois aplicava-se e fechava...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Eu posso te fazer uma pergunta como médico?

O SR. VINICIUS DINIZ – Eu não sou médico.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Em que ano você está?

O SR. VINICIUS DINIZ – Eu estou no sexto ano.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Sexto ano, então, você já passou por farmacologia e as básicas. O que ocasiona a pasta, o creme dental, nessa região? O que faz isso, para ser tão prazeroso as pessoas fazerem?

O SR. VINICIUS DINIZ – Doutora, não sei, não sei se existe algum prazer.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Prazer não sei se tem pelo tanto que o cara gritou ali. Você, como médico não sabe o que...

O SR. VINICIUS DINIZ – Efeitos danosos...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você viu o “pascu” mais na Intermed ou mais lá na faculdade?

O SR. VINICIUS DINIZ – Senhor, eu nunca vi um “pascu”.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tá bom. Podemos prosseguir? Próximo. Victor, você gostaria de depor hoje ou não? Você não está chamado para depor. Um cidadão de tantas respostas, que depor hoje? Não, né?

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Você não foi convocado.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não, é que o senhor está respondendo perguntas, o senhor não está na lista de hoje para depor, entendeu? Vamos lá. Renan.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Posso pedir uma coisa? Vinicius, você tem alguma outra coisa que você gostaria de colocar e não colocou? Porque o seu depoimento encerra.

O SR. VINICIUS DINIZ – Eu não gostaria de colocar mais nada.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Obrigada.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Renan.

O SR. RENAN MALONI – É para eu fazer um depoimento inicial, igual a ele? Bom, vou fazer como o Vinicius fez, o senhor perguntou das nossas origens. Meu nome é Renan Maloni, eu tenho 34 anos, não entrei tão jovemzinho na faculdade. Eu não fiz escola particular, igual o pessoal faz, e também não fiz cursinho preparatório. Eu trabalhava e estudava ao mesmo tempo para conseguir entrar na faculdade, não sou um elitista. Quando eu entrei na Faculdade de Medicina, no meu primeiro ano ainda fazia alguns bicos, por isso não participei do Show Medicina, entrei só no segundo ano.

Gostaria de agradecer aqui ao depoimento do Dr. Leon porque acho que, devido à divulgação dele na época e toda essa exposição que ele fez, o meu vestibular não tem nada

a ver com o dele. O meu vestibular do Show Medicina foi igual ao do Vinicius, nós fizemos uma prova teórica, com conteúdos gerais do mundo, perguntas de caráter artístico, tinha uma pergunta que era para fazer um desenho para ver se você possuía habilidade de desenhar para a cenografia. Na prova prática eu fiz um esquete que eu imitava o Ronaldinho Gaúcho porque eu sou careca igual a ele, então, achei que seria engraçado. Fui diretor do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz no ano de 2011, no meu segundo ano. A minha trajetória na faculdade, faço iniciação científica, já apresentei alguns trabalhos, inclusive internacionais. A minha dedicação é exclusiva, estou no sexto ano da Faculdade de Medicina, a carga horária é de aproximadamente de 70, 80 horas semanais, então não deixa muito mais tempo para fazer outras coisas. O Show Medicina foi um lugar que me acolheu muito bem, o grupo de amigos que participei e tenho orgulho de ser parte dele.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você nasceu onde, Renan?

O SR. RENAN MALONI – Nasci em São Paulo.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Entrou em que ano na faculdade?

O SR. RENAN MALONI – Em 2010.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Que turma é?

O SR. RENAN MALONI – Eu sou da 98.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você é do Show Medicina ou da Atlético?

O SR. RENAN MALONI – Sou membro do Show Medicina.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Quantos anos?

O SR. RENAN MALONI – Desde o segundo ano, no segundo, terceiro, quarto e quinto ano eu participei, quatro anos.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Como o Vinicius.

O SR. RENAN MALONI – Como o Vinicius, ele é da mesma turma que eu.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Pode continuar, fica à vontade.

O SR. RENAN MALONI – Uma coisa que eu gostaria de falar que eu vi, eu concordo plenamente com o depoimento do Dráuzio Varella. Eu o conheço pessoalmente. Ele é um dos motivos para eu escolher a pneumologia, a minha área. Em conversas com ele, ele me orientou sobre isso. Acho sim que o estupro é crime, tem que ser julgado, condenado. Gostaria de dizer, apesar de que ninguém chegou a comentar isso, todos os casos de estupro que estão sendo investigados, espero que os culpados sejam condenados,

nenhum deles tem nenhuma ligação com nenhum membro do Show Medicina ou com o Show Medicina.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Não é verdade.

O SR. RENAN MALONI – É verdade.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – O próprio reitor da universidade... Então, você está dizendo que o Dr. Zago é mentiroso.

O SR. RENAN MALONI – Eu estou dizendo que nenhum membro do Show Medicina foi acusado de nenhum ato dessa natureza.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Ficam aqui duas versões.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Renan, você está bem tranquilo? Explica uma coisa para nós. Você está no sexto ano, está saindo. Eu vou ser bem cuidadoso em fazer as perguntas. Eu queria dizer o seguinte, como é que você avalia essa evolução, essa linha do tempo, começa no primeiro ano, vai lá para a Intermed, você participou de Intermed?

O SR. RENAN MALONI – Não, infelizmente eu não participei, gostaria de ter participado, mas não participei.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tá. Vai para a Intermed, volta, tem o Show, aí no primeiro ano é uma condição, aí depois nos outros três... Como é que você avalia essa evolução dessa violência, dessa linha agressiva. Porque você sabe que entre o Show, as festas, está entremeado de muitas histórias, muitas histórias, que nem aquele negócio que ocorre no sítio, lá no interior, a invasão, aquilo que ocorre de madrugada.

O SR. RENAN MALONI – Como eu nunca fui para uma competição, eu não sei dizer.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não, não é competição, aquela invasão, quando os calouros entram na piscina, aí a piscina é cheia de éter, de loló, e aí... Sabe aquilo que ocorre...

O SR. RENAN MALONI – Desconheço.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Depois do Show Medicina, nunca ouviu falar na invasão?

O SR. RENAN MALONI – Desconheço.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não, tudo bem, eu não estou duvidando. Isso aí é uma atividade de recepção dos calouros que ocorre numa madrugada nos sítios do interior.

O SR. RENAN MALONI – Na minha semana de recepção não houve o tal churrasco.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Eu só queria te perguntar uma coisa. Por exemplo, são muitos casos em que as pessoas, principalmente as meninas da Medicina e de outras faculdades, foram induzidas, para não falar obrigadas, a beber e aí não sabiam os conteúdos químicos das bebidas e aí começava a acontecer aquela série de coisas que a gente sabe que ocorre tanto na casa do estudante como naquelas outras coisas que a gente sabe. Como é que você avalia, com essa característica descritiva que você está aqui hoje, e evidentemente que não é uma coisa generalizada, como é que você avalia essas ocorrências que vão acontecendo, esses fatos e por que você fala com tanta segurança, tanta certeza que o Show não apregoa a violência, porque você fez quatro anos de Show.

O SR. RENAN MALONI – Eu estou me referindo ao Show no período que eu participei, os quatro anos. Eu quero deixar bem claro que na época do Dr. Leon, que ele deu depoimento, foi 1993. Desde que eu entrei na faculdade, em 2010, eu não sofri nenhum tipo de trote e não presenciei nenhum tipo de trote.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Olha, vamos passar para o próximo? Artur, tem alguma coisa a dizer?

O SR. ARTUR DANILA – Devo me apresentar antes? Sou Artur, sou residente do terceiro ano de psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP, onde fiz também minha formação. Meu histórico familiar: meu avô nasceu na Alemanha, saiu fugido do nazismo, antes dos anos difíceis da guerra.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Como é seu nome completo?

O SR. ARTUR DANILA – Artur Danila. Arthur Hirschfeld Danila. Então, carrego essa marca na minha vida e no meu DNA familiar. Meu pai saiu da Romênia na década de 1950 com 300 dólares, meu pai com a família dele, no caso o meu avô, saiu com 300 dólares.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Em que ano?

O SR. ARTUR DANILA – 1958, se não me engano.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – 1958, depois da guerra.

O SR. ARTUR DANILA – É. Com apenas 300 dólares para o Brasil para tentar uma vida melhor, onde a liberdade pudesse acontecer, onde eles pudessem se desenvolver em todas as suas potencialidades. Conseguiu, apesar das grandes dificuldades, se formar médico, fez residência na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de São Paulo, Unifesp, e eu posso lhe garantir que na minha vida tudo que eu passei sempre foi marcado pela minha conquista, pela minha meritocracia, pelas lutas que eu sempre acreditei, pelas bandeiras que eu acredito até hoje.

Então, fui presidente do Centro Acadêmico em 2008, ganhei a eleição, foi uma eleição disputada, havia muitos anos que não havia disputa de chapas. Ganhei de forma limpa, lisa e honesta. Depois me graduei na faculdade, reergui a Associação dos Médicos Residentes da Universidade de São Paulo, que se encontrava inativada desde 2010. Com o

meu objetivo pela honestidade, pela gestão pública, pela seriedade com a universidade, com o uso do dinheiro público, refundi a entidade, formalizei o estatuto, registramos em cartório, enfim, a entidade renasceu. E em 2013 nós tivemos uma atuação bastante... Em 2013 e 2014 eu fui presidente da Amerusp por eleição também e durante 2013 e 2014 nós tivemos uma atuação muito importante em prol da valorização da residência médica que vem sendo hoje gravemente aviltada, usada como forma de trabalho barato, sem condições, sem infraestrutura, em que os médicos são colocados a trabalhar sem as mínimas condições.

Eu nunca defendi a permanência dessa modalidade de residência da forma como o governo tem trabalhado essa questão. Então, todas as participações que eu tive na faculdade e na residência sempre foram marcadas pela ética, pela responsabilidade pública e pelo compromisso com a ética.

Fui parte do Show Medicina sim durante os meus seis anos da faculdade. Quando residente, ajudei a recriar o grupo teatro da Medicina, em 2013, que tinha sido inativado na década de 1980 por conta da ditadura militar, porque lutava pela liberdade de expressão, assim como o Show Medicina. Eu gosto até de citar isso porque é uma coisa importante. O Show Medicina teve dois de seus membros Gelsol Reicher e Antônio Carlos Nogueira Cabral, participantes do Show Medicina, foram perseguidos politicamente por serem contra a ditadura e morreram por defenderem os seus ideais de liberdade, ideais esses que são cultivados até hoje pelo Show Medicina enquanto manifestação artística e cultural. Eu gosto de reforçar isso porque esse é o tom e essa é a ênfase do Show Medicina, criticar pela arte as dificuldades, os entraves que a sociedade passa. Acho que esse é o nosso maior legado e a nossa maior busca. Temos dificuldades, temos defeitos, acho que há muita coisa para melhorar. Aliás, agradeço pela oportunidade de falar neste tão nobre espaço porque eu acredito que, realmente, há muita coisa para ser melhorado, mas acredito que o Show Medicina, sim, contribui muito com a sociedade pela forma como ele se propõe a fazer crítica, da forma artística, pela liberdade de expressão, esse eu acredito que é o grande mote do Show Medicina.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Artur, eu queria só dizer uma coisa. Eu sou contemporâneo do Gelson e do Cabral. Eu morava na Vila Prudente, o Gelson morava no Ipiranga. Eu queria que você não misturasse a biografia e a obra do Gelson Reicher e do Cabral com o Show Medicina, isso eu te peço. Eu vi que você leu esse texto, não tem nada a ver uma coisa com outra. Só quero que você preserve a memória deles, não misturando o nome deles, só isso eu te peço. Respeita, pelo menos, como eles estão ausentes, como eles foram mortos, por favor, não cite o nome deles misturado com o Show Medicina, isso eu te peço.

O SR. ARTUR DANILA – Sim.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Agora, se você conhecer alguém do grupo de teatro da Medicina, peça para ele trazer os textos do Gelson que estão lá guardados, que a família está pedindo, tá? A Felícia Madeira é irmã do Gelson, é Felícia Reicher, a irmã do Arnaldo Madeira. Ela gostaria de ver os textos do irmão, que até hoje não foram devolvidos. Mas, não mistura ele com o Show Medicina, por favor.

O SR. ARTUR DANILA – Posso só fazer um adendo em relação ao grupo teatral Medicina?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O senhor pode falar o que o senhor quiser, eu só peço para o senhor não misturar o nome do Gelson e do Cabral com o Show Medicina, por favor, só peço isso. Pode continuar com o seu depoimento, o senhor não está sendo acusado.

O SR. ARTUR DANILA – O grupo teatral Medicina foi reativado com a peça Lembrar é Resistir, que (ininteligível) justamente. É um texto da Analy Pinto e do Izaías Almada, e tem como mote a lição da cadeia fica e muito mais fica a mancha que a cadeia deixa na vida do homem. Ela retratou de uma forma realista, inclusive com teatro de livre trânsito pelos participantes, alguma representação dos anos de chumbo da ditadura brasileira, baseados em indivíduos reais. Discutindo questões da liberdade de expressão, motivações ideológicas de militantes e militares, tortura, cárcere, medo e silêncio. É uma peça que eu tive muita alegria de participar e me honra muito.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O senhor participou desse último espetáculo da Geni, nesse último Show Medicina que houve?

O SR. ARTUR DANILA – Esse desse ano eu não estava aqui, eu estava em Toronto fazendo um estágio eletivo da residência médica.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Quais foram os anos que o senhor participou do Show Medicina?

O SR. ARTUR DANILA – De 2006 a 2011.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O senhor lembra dos temas que foram principais desses.

O SR. ARTUR DANILA – Eu não consigo me lembrar exatamente quais foram os temas porque já faz algum tempo, mas às vezes o tema em si não necessariamente precisa

ter uma conotação política para fazer a crítica. A crítica pode até surgir de algo que é inesperado. Por exemplo, eu lembro que uma vez o tema foi brinquedos de criança e cada um tinha o seu brinquedo e fazia uso dessa questão do quanto o brinquedo era favorável ou não favorável à construção de uma crítica, de um alijamento das crianças, enfim, acho que eu posso falar para o senhor alguns temas: Star Wars foi um dos temas, Alice no País das Maravilhas foi tema de um balé, X-Man. Os temas acredito que pouco importem, pelo menos na minha concepção, enquanto integrante do Show Medicina. Acho que muito mais importante do que o tema era a crítica que era trazida junto e que às vezes era surpreendente mesmo, pelo caráter do Show Medicina.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O senhor está fazendo residência em psiquiatria.

O SR. ARTUR DANILA – Sim.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O senhor conhece aquele grupo de apoio de violência sexual da Faculdade de Medicina?

O SR. ARTUR DANILA – Conheço.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O senhor conhece a professora Maria Ivete Castro Boulos?

O SR. ARTUR DANILA – Conheço, ela é uma pessoa muito, muito bacana.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Isso.

O SR. ARTUR DANILA – É bom que o senhor mencionou porque a minha participação durante a faculdade e agora na residência sempre foi pautada até pela minha proximidade com a psiquiatria pela luta do acolhimento às possíveis vítimas de qualquer tipo de agressão e de assédio. Desde a década de 1980, se não me engano, existe um grupo de acolhimento, de apoio psicológico ao aluno, Grapal, que inclusive foi pelo professor Paulo Vaz de Arruda que faleceu recentemente, uma pessoa, inclusive de notoriedade nacional, um poeta, um literário, professor também da casa, psiquiatra, que foi quem fundou esse grupo.

Mas, é um grupo que vinha com algumas limitações, até a questão física, e a gente até motivado... Eu, não sei se o senhor sabe, mas em novembro de 2013 houve um falecimento de um colega meu, André Yoshida, que foi membro do Show Medicina, uma pessoa brilhante, uma pessoa muito feliz. Ele contagiava a todos com a felicidade, onde ele passava. E até hoje eu não entendo o que possa ter acontecido, mas ele acabou sendo vítima de um suicídio. E aí logo depois disso, isso foi em novembro de 2013, em dezembro de 2013 houve uma tentativa de suicídio de um residente, colega da minha turma, que foi uma coisa muito grave, ele tentou por várias metodologias e por sorte acabou sobrevivendo e aí, muito incomodado com isso me reuni com a diretoria da faculdade, na época já era presidente da Amerusp para a criação de um núcleo de acolhimento, uma forma de priorizar um canal aberto com qualquer vítima de qualquer tipo de coação, de abusos ou mesmo num momento de dificuldades financeira, social, acadêmica ou psiquiátrica.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O senhor já ouviu, por exemplo, que os angolanos são tratados por macacos lá na Faculdade de Medicina, já ouviu essa expressão?

O SR. ARTUR DANILA – Desconheço essa expressão. Pelo contrário, acho que é um projeto muito bacana que a Universidade de São Paulo tem e eu não sei qual que é exatamente o vínculo, talvez seja pela Escola de Educação Permanente, eu não me lembro muito bem, mas é um trabalho muito bonito em que angolanos vêm à universidade para aprender medicina porque lá eles carecem de um serviço mais amplo e com mais recursos. Eles ficam um tempo aqui depois voltam para a Angola para praticar a medicina de forma melhor.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Artur, você já conversou com a professor Maria Ivete Castro Boulos para saber o número de estupros que ela tem registrado no núcleo de proteção à mulher lá da Faculdade de Medicina?

O SR. ARTUR DANILA – Não tive conversa com ela sobre esse assunto, deputado.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Deixa eu fazer uma pergunta. Renan, você está se formando agora, você passou para o sexto ano?

O SR. RENAN MALONI – Eu estou no último ano da faculdade.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você foi para o sexto agora?

O SR. RENAN MALONI – Estou no sexto ano em 2015.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você conhece a turma do sexto ano em 2014, que se formou?

O SR. RENAN MALONI – Conheço, a turma 97. Conheço algumas pessoas, não dá para conhecer todo mundo, é uma turma bem grande.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você já morou na Casa do Estudante?

O SR. RENAN MALONI – Moro na Casa do Estudante.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você mora na casa.

O SR. RENAN MALONI – Uma excelente casa. Eu só consigo fazer a universidade devido à oportunidade que eu consegui de morar na casa do estudante.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Renan, me diz uma coisa, você nunca soube de notícia que as meninas que foram alcoolizadas foram levadas lá para a Casa do Estudante?

O SR. RENAN MALONI – Não, nunca.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Nunca soube de nenhum caso?

O SR. RENAN MALONI – Não. Os últimos dois anos, praticamente, eu volto para dormir da Casa do Estudante, quando não durmo no hospital. São 70 a 90 horas semanais no hospital, mas nunca tive nenhum relato, num ninguém me avisou sobre isso ou fez algum tipo de comentário.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Entendi. Deputada.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Artur, por favor, você conhece Yuri Régis?

O SR. ARTUR DANILA – Conheço.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Quem é ele?

O SR. ARTUR DANILA – Conheci o Iuri, inclusive, no grupo teatro da Medicina em 2013, quando eu participei com ele da recriação da peça Lembrar é Resistir na refundação do grupo teatral. Ele foi responsável pela direção musical, pela criação das músicas do grupo. A peça, inclusive, foi muito aclamada.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Qual foi o desentendimento que houve entre você e ele?

O SR. ARTUR DANILA – Desconheço qualquer desentendimento. Pelo contrário, acho que temos uma boa relação.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Artur, você é uma pessoa privilegiada aqui. Você é um psiquiatra, sabe lidar com as questões da mente, da fala, é uma pessoa que tem uma expressão oral excelente, coloca muito bem as palavras, está tutelado juridicamente bem, então, sabe o que colocar e onde colocar. Não, e eu não estou indo contra isso. Todos nós temos os nossos direitos e todos os direitos nesta Casa são preservados.

(Fala inaudível)

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Sim, que necessariamente não precisa ser a que nós ouvimos de outras pessoas, correto?

(Fala inaudível)

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Verdade dele, a verdade é dele.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – A palavra está assegurada, por favor. Se o advogado quiser a palavra, ele solicita a palavra, fala. Aqui nós estamos ouvindo os depoentes. Eu não entendo porque o advogado está interferindo. Se o senhor quiser, o senhor se inscreve. Deputada, a senhora está com a palavra, por favor.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Então, para mim, Artur, você querendo ou não, hoje você é um residente de nível 3, está certo?

O SR. ARTUR DANILA – Isso.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – No final do ano, você já é um psiquiatra formado para viver e conviver com todas as situações que aqui foram postas. Com a facilidade que você colocou todas as questões aqui e pelas dificuldades que outros depoentes aqui colocaram, você é um carreirista de primeira linha. Então, provavelmente, você deve ter obedecido a todos os interesses para chegar onde chegou tão novo e com tanta categoria. Não tiro o mérito da sua inteligência, porque você é uma pessoa, além de sagaz, inteligente, envolvente e sedutora.

Você coloca o Yuri numa situação de tranquilidade quando, na verdade, ele te aqui um relato onde você o humilhou absurdamente. Então, eu sou uma enfermeira com 35 anos de formada e o seu rostinho de médico psiquiatra não me convence.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Os senhores nunca ouviram falar de nenhum caso de violência sexual, não tem nenhuma observação a fazer ao Show Medicina, esse último, a Ópera do Malandro, a Geni, não tem nenhum reparo a fazer, está tudo dentro das regras, os outros espetáculos dos anos anteriores também não teve nenhum problema. Quem financia o Show Medicina?

O SR. ARTUR DANILA – O Show Medicina é financiado exclusivamente por doações particulares, aí não sei exatamente quem que doa, alguns ex-membros, outras pessoas que têm vontade.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O chamado livre de ouro.

O SR. ARTUR DANILA – É feito um livro, não sei se é essa a denominação do livro, mas são feitas doações.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – A faculdade ajuda no financiamento do show?

O SR. ARTUR DANILA – Não posso afirmar isso porque não tenho acesso a esse livro.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Você nunca pertenceu ao Show Medicina?

O SR. ARTUR DANILA – Eu fui do Show.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Você foi do Show, mas não da coordenação.

O SR. ARTUR DANILA – Não fui da coordenação.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – A Fundação Faculdade de Medicina patrocina o show?

O SR. ARTUR DANILA – Acredito que não. Pelo que eu sei, o Show Medicina é financiado exclusivamente por doações privadas, pessoais das pessoas que têm vontade e voluntariamente doam.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Você imagina mais ou menos o valor envolvido num Show Medicina?

O SR. ARTUR DANILA – Não posso afirmar isso com clareza.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Não tem nem ideia?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Sabe se laboratórios?

O SR. ARTUR DANILA – Desconheço pessoalmente o envolvimento de laboratórios.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – A Ambev, por exemplo.

O SR. ARTUR DANILA – Desconheço também.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Entendi. E como você observa, por exemplo, você acompanhou no seu tempo, embora o primeiro depoente, o Vinicius, tenha dito que ele é contra a alcoolização forçada, ele não falou forçada, que os alunos bebam durante aquele período. Você podia, por exemplo, você não tinha nenhuma predisposição, acho que não vislumbrava ser um psiquiatra, aqueles 45 dias de horror que o calouro vive, ele fica à disposição do show pelas madrugadas, aí tem que dormir lá nos sofás, nos mocós, os sapos, tem os sapos. Porque as denominações são: os estrelos, as costureiras e tem os sapos. Da onde você acha que vem essa cultura espartana que as mulheres não podem adentrar ao show, que elas parecem mulheres de Atenas, né, que elas ficam lá costurando, no papel mais rebaixado, mais submisso, e é uma cultura antiquíssima, né? O Show já está no número 82, se não me engano.

O SR. ARTUR DANILA – 72.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Da onde vem essa cultura? Porque você sabe que a Faculdade de Medicina é a casa de Arnaldo, né? Você que tem uma cultura europeia, você sabe qual foi a grande obra do Dr. Arnaldo, do ponto de vista da filosofia, sabe qual foi a contribuição do Dr. Arnaldo?

O SR. ARTUR DANILA – Eu sei que o Dr. Arnaldo é uma pessoa bastante controversa. Sei que ele teve algumas práticas...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Eu vou te facilitar. Você sabe o que o Dr. Arnaldo trouxe para o Brasil na 2ª Guerra Mundial?

O SR. ARTUR DANILA – Não sei.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ele trouxe a teoria da eugenia. Ele formou um grupo nazista dentro da universidade e ele criou a teoria da raça pura.

O SR. ARTUR DANILA – Eu sei, tive acesso a alguns escritos.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Então, ele disse o seguinte, aqui na casa de Arnaldo só vai entrar a raça pura, só os Arianos.

O SR. ARTUR DANILA – Nesse ponto eu não poderia ter entrado porque eu sou judeu.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Eu sei que você é judeu. Eu gostaria de te mostrar as teses, da onde nasceu a teoria da casa de Arnaldo, a teoria da eugenia. Ele formou um grupo de médicos e cientistas e criou um partido nazista dentro da Faculdade de Medicina, eram os eugênicos, os arianos, os puros. Lá que foi criada “essa é a Casa de Arnaldo”, que as pessoas não revelam, mas que vai aparecer. Então, dentro dessa teoria, o Show foi desenvolvido. Ele não é uma coisa assim, um acidente, que hoje “não, vamos fazer um esquete”, como se fosse um bloco carnavalesco, uma imitação do Grand Otelo, do Oscarito, uma chanchada, não, não. Foi uma coisa muito mais fecunda. Esse ventre é muito mais antigo, é muito mais fecundo.

Você sabe que aquele dia que o ex-presidente do Sindicato (ininteligível) veio depor aqui, aquele moreninho que veio primeiro depor, não esse que foi eleito agora, o que era da gestão anterior, na hora que ele estava depondo, tinha um professor judeu aqui na mesa. E o

grupo que estava vendo pela web interpretou que o professor estava de quipá. Então, no grupo de bate-papo eles começam a perguntar entre eles: “que faz esse judeu filho da puta na mesa? Parece que o cara está de quipá”. Nós aqui, Marco Aurélio, eu, a Sarah, falando com o presidente do Centro Acadêmico, depois eu te dou a cópia, e tinha um professor aqui judeu na mesa. Então, eu estou fazendo melhor fundamentação para não parecer que nós somos pessoas delirantes, persecutórias, nós não temos nenhum (ininteligível) persecutório.

Nós queremos saber onde está o núcleo duro, filosófico, do Show, da Atlética, dessa coisa bárbara, do pensamento da direita, homofóbico, é isso o que nós queremos saber, xenofóbico. Até, se vocês puderem, veio o professor Antônio, de Piracicaba, que é a pessoa que há 14 anos faz o mapeamento de todas as atividades acadêmicas nazi no Estado de São Paulo e no Brasil.

Então, eu queria você, que é um psiquiatra, que hoje nós tivemos a honra, o Leon Garcia está lá, sentado até agora ouvindo vocês, que vocês dissessem porque se são, assim, discípulos, que vocês pegam coisas da literatura, do cânticos antigos, desenvolvem. Cinderela e Sete Anões, como se fosse uma coisa lúdica, pura, do sentimento mais... Mas, não é nada disso, é tudo comparativo, é tudo coisa com discurso forte, pesado. Então, eu queria que vocês abrissem um pouco o coração porque se não nós nos sentimos ridículos, desmoralizados de ouvir explicações de pessoas que estudam tanto, que tem tanta cultura e informações tão pueris, tão vazias. Vocês não estão sendo acusados de nada. Nós estamos querendo construir a estrutura do ovo da serpente, como é que nasce o pensamento nazi, como é que nasce o pensamento xenófobo, isso é o núcleo duro do Show Medicina. Eu estou assumindo o que eu estou falando.

Por isso eu fico assim quando você fala que o Gelson Reicher era um grande contribuidor do Show Medicina, não era, não era. Eu escrevi textos junto com o Gelson. O Gelson foi para a França representar a faculdade com o grupo Medicina, era uma pessoa de raríssima inteligência e cultura, tinha textos maravilhosos. Então, o Gelson é uma pessoa para ser guardada num lugar muito especial lá na faculdade. Não vamos misturar Gelson com a barbárie, por favor, ainda mais ele que o atestado de óbito foi assinado por Isaac Abramovitch, e Isaac liga para o pai dele e fala “matamos o seu filho sim, acabamos de matar o seu filho”, liga para a sinagoga lá no pai do Gelson. Mas, não vou falar disso, não

vou falar, vou falar de coisa séria. Então, eu queria que vocês explicassem por que se faz no Show Medicina esse tipo de apologia da barbárie.

O rapaz aqui, na simplicidade dele, ele falou “não, estamos até admitindo as mulheres desde que elas”, sei lá. Você sabe que consenso aqui nesta CPI é uma palavra ruim, né? Sabe por quê? Porque consenso é a palavra chave usada quando existe estupro que dizem que as meninas deram porque quiseram, porque é consenso. Consenso é a palavra para matar os processos e aquelas investigações ridículas que não dão em nada na Faculdade de Medicina, entendeu? Isso é o consenso, essa é a palavra que eles usam.

Então, eu queria que você, nós temos que ouvir o professor Antônio, e nós queríamos que você falasse um pouco, gente, não é possível que aqui nós estamos tentando construir um processo civilizatório e a gente não tenha nenhuma crítica, nenhuma observação das coisas que acontecem naquelas madrugadas. E o outro vem falar “não, nunca ouvi falar que fosse obrigada a apanhar banana com as nádegas, isso pode ser lá no tempo do Leon, que ele é uma pessoa traumatizada, perseguida, isso não existe na Faculdade de Medicina”. E nós aqui falamos “ah, não existe, não existe, ah, não tem loló, não existe loló”.

Imagina, eu entrei na USP em 1969 e já se roubava litros e litros de queleni para fazer loló, litros e litros de queleni, para que os calouros cheirasse, bombas de queleni, para fazer loló. Nesses sítios da invasão, a piscina é qualhada de loló, todo mundo sabe. Agora estão adicionando até cola de sapateiro no éter. E o professor Saldiva fala: “eles têm a chave do armário, eles não precisam comprar”. Então, eu queria te ouvir um pouquinho, por favor. Se identifica e fala, por favor.

O SR. JOÃO DANIEL RASSI – Boa tarde, meu nome é João Daniel Rassi, sou advogado constituído pela Atlética da Faculdade de Medicina e pelo Show Medicina. Em homenagem ao regimento desta Casa, a Comissão de Direitos Humanos que trata sobre a colheita de depoimentos, eu só não entendi qual foi a pergunta de Vossa Excelência a ele, objetivamente o que Vossa Excelência quer saber dele.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Eu quero saber como ele interpreta o Show Medicina, qual a ideologia, qual é a filosofia, qual é o nome de cada Show Medicina. Será que eles não conseguem responder na cronologia? Um eu conheço inteirinho.

(Fala inaudível)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Eu faço qualquer tipo de digressão. Eu estou fazendo essa visão antropológica para colocar os elementos onde está situado o Show Medicina. Onde está? Comecei lá no Dr. Arnaldo, na teoria da eugenia, o rapaz falou com muita emoção que ele é romeno e eu estou me dirigindo a ele. Por favor, responda.

O SR. ARTUR DANILA – Senhor deputado, a minha visão do Show Medicina, eu vou repetir, é que é uma associação cultural onde se promove em tom jocoso, por meio da arte, a crítica aos costumes, à tudo, nada é poupado. Não existe um direcionamento político, partidário, de ordem sexual ou religiosa. Tudo é em nome na arte, isso eu posso lhe garantir pelo menos da minha experiência no Show Medicina. Durante todos os anos que eu participei, o Show Medicina sempre foi orientado, inclusive, pela arte. Eu realmente gosto muito da cultura, gosto muito da expressão artística, isso sempre foi o que me chamou a atenção no Show Medicina. No Show Medicina eu era da cenografia, eu ficava lá vários dias pintando telas bem grandes, de seis metros quadrados, com bastante riqueza de detalhes, como uma forma de expressão artística. Cada um fazia a sua contribuição. O Show Medicina é uma coisa muito eclética, muito ampla, cada pessoa dá a sua contribuição.

Inclusive, a prova teórica do vestibular do Show Medicina, por exemplo, é muito utilizada como uma forma diagnóstica para você avaliar as potencialidades de cada candidato. Então, por exemplo, eu na condição de cenógrafo Show Medicina avaliava, a

gente pedia para eles fazerem um desenho. E aí cada candidato fazia o seu desenho e mediante à qualidade artística do desenho, as pessoas eram chamadas a desenvolver essa potencialidade depois como cenógrafo.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Por favor. Existe uma prova escrita para entrar no Show Medicina, foi isso o que eu ouvi, está correto?

O SR. ARTUR DANILA – A prova é composta por uma parte teórica e uma parte prática.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Muito obrigada.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Artur, você se referiu ao Show Medicina como uma forma de expressão artística e eclética. Na sua opinião, sendo uma forma artística e eclética, como é que você vê a exclusão das mulheres no Show Medicina?

O SR. ARTUR DANILA – Acho que tem que colocar duas questões aqui. Uma que é o resgate histórico, eu gosto muito de história, acabo sendo um pouco repetitivo. É importante contextualizar que o Show Medicina foi fundado, se eu não me engano, em 1942 ou 1944, numa época em que a faculdade era predominantemente composta por homens. Ainda que, é um detalhe importante, a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, que era assim denominada nos primeiros anos, foi a primeira instituição do Estado de São Paulo a permitir o ingresso de mulheres. Então, ela foi nesse ponto, na época, óbvio, em 1912, bastante inovadora. Mas, ainda assim, na década de 1940, a composição ainda era majoritariamente masculina. Talvez por isso que a natureza original do Show Medicina acabou sendo de uma composição essencialmente masculina, ainda que hoje em dia a gente

tenha desdobrado a participação para ambos os sexos e, ao longo dos anos, cada grupo foi, grupo feminino, grupo masculino, que tem na minha concepção igual valor, igual respeito, foi criando a sua identidade, o seu valor próprio, as suas características que eu entendo como complementares, inclusive. Esse é o primeiro ponto, o resgate histórico, que talvez possa ajudar a justificar essa questão.

E a segunda questão acho que é pelo próprio tom jocoso de você ver homens vestidos de mulher, desengonçados. Por exemplo, não querendo menosprezar aqui o nosso colega, mas ele é meio desengonçado e faz parte do balé. Então, às vezes é uma coisa engraçada de se ver no palco. Então, acho que um pouco dessa natureza jocosa do homem interpretando o papel da mulher, interpretando outros papéis, às vezes até de animais, árvores, já teve de tudo no Show Medicina. Não há uma crítica específica a um grupo político, a uma orientação sexual, a qualquer natureza, o show não tem essa prerrogativa, isso que eu posso garantir. É uma forma de liberdade artística.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Não tem nenhuma crítica de orientação sexual então no Show Medicina?

O SR. ARTUR DANILA – Pelo contrário, eu posso lhe garantir que há muitos homossexuais, bissexuais, pessoas que ainda não quiseram expor a sua sexualidade. O Show Medicina congrega pessoas de todas as naturezas, isso eu posso lhe garantir com total segurança. É umas das instituições que mais acolhe. É importante até numericamente falar, o Show Medicina corresponde por ano a cem pessoas da faculdade, num total da Faculdade de Medicina de 1.080 alunos. Então, representaria menos do que 10% do público geral da faculdade. Seria muito dizer que o Show Medicina, enquanto composição de cem pessoas por ano, no máximo, nunca vi um Show Medicina que pudesse de forma tamanha influenciar a toda a cultura da instituição, ou mesmo garantir que os privilégios fossem externalizados a todos, acho que seria muito arriscado dizer alguma coisa nesse sentido.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Nesta CPI a gente ouviu muitos relatos de introdução de bebida alcoólica no Show Medicina. Como você participou de vários, o que você poderia falar a esse respeito?

O SR. ARTUR DANILA – Na minha época de Show Medicina não havia proibição de consumo de bebidas alcoólicas no campus universitário, essa é uma prática mais recente. Então, não nego que houvesse a presença de álcool durante as atividades do Show, mas isso nunca foi uma questão obrigada, de coerção, de coação de qualquer grupo por um outro grupo, nunca houve uma ingestão forçada de álcool.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Então, dentro do que você pode nos relatar aqui não há ingestão de álcool coercitiva.

O SR. ARTUR DANILA – Não na minha experiência nos anos de show que pratiquei.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – E os relatos de que os participantes do Show Medicina vão ao palco e tem que se despir totalmente e, depois de despídos, passam por algumas brincadeiras, provações, que os deixam ridicularizados (ininteligível) relatos que foram trazidos aqui à CPI. Você presenciou isso, você confirma isso, você desconhece isso?

O SR. ARTUR DANILA – Eu desconheço isso. Na realidade, a única coisa que eu já vi é a troca de roupas porque o teatro não tem um vestiário anexo. Então, há realmente momentos em que as pessoas ficam nuas, mas nunca de uma maneira coercitiva também, não enxergo dessa maneira. Foi sempre num contexto de troca de roupas ou qualquer coisa do gênero.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – E a presença de prostitutas contratadas para estar no Show Medicina...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tem uma homenagem feita a um funcionário, através de uma placa, lá no hall da entrada do prédio principal a esse funcionário que era encarregado de trazer as prostitutas.

O SR. ARTUR DANILA – Eu desconhecia essa história.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Com relação a esse episódio narrado aqui na CPI, o que você teria a colaborar conosco?

O SR. ARTUR DANILA – Eu desconheço esse histórico, essa relação... Eu sei que há uma estátua do lado de fora da faculdade de um porteiro do teatro ou da faculdade, mas isso quando eu entrei na faculdade ele já tinha falecido.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você não tinha ideia qual era a função dele?

O SR. ARTUR DANILA – Não sei. Eu sei que eu achava que ele era o porteiro, mas do que isso eu não saberia dizer.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Entendi.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Vou fazer a mesma pergunta que eu fiz ao Vinicius. Do que você já presenciou no Show Medicina quais são as suas críticas com relação ao que ocorre?

O SR. ARTUR DANILA – Eu acho que o curso de Medicina é um curso muito difícil, pela natureza da profissão médica que impõe muita responsabilidade, muito compromisso. São seis anos de muitos estudos, muita responsabilidade com os pacientes e isso vai ser a tônica da prática médica futura. Os ensaios acontecem à noite porque é o único horário que a gente consegue ter algum respiro, vamos dizer assim, desse curso que é um curso intenso. Talvez, um pouco essa questão dos horários, isso talvez fosse uma questão que pudesse ser melhorada. Acho que a participação das mulheres é uma questão que tem que ser discutida. Eu não estou agora no Show Medicina, mas acredito que isso deva ser discutido com certeza.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você desconhece que durante a realização do Show, tem pessoas que levam prostitutas lá para a faculdade, que tem uma espécie de um “open” lá.

O SR. ARTUR DANILA – Como eu falei anteriormente, o meu interesse no Show Medicina sempre foi uma questão mais artística e cultural. Eu passava muito tempo pintando as telas de cenografia, são telas que exigem realmente bastante trabalho. Eu desconheço, nunca participei.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Vamos pegar os trechos então? Você tem aí a questão da eugenia? Eu só queria ler enquanto a gente prepara os depoimentos, uns trechos. Pietra, Diwan, Raça Pura, Uma história da Eugenia no Brasil e no Mundo, São Paulo, Editora Contexto. Natureza do livro: O livro teve a tese de mestrado da autora intitulado “O espetáculo feio: práticas discursivas e redes de poder do eugenismo de Renato Kehl (1917-1937). Tese central: As ideias eugenistas que surgiram e se afirmaram, no Brasil, estão intimamente ligadas ao movimento eugênico, que se constituiu e se expandiu internacionalmente no início do século, mas elas trazem a marca da nossa sociedade. A luta pela consolidação dessas idéias, na sociedade brasileira, foi liderada pelo médico Renato Kehl, teve a participação de um significativo grupo de intelectuais, e revelou as relações de poder no interior desse grupo, assim como deixou claro o poder da ciência em si. Para respaldo teórico, a autor, recorre aos conceitos de biopoder, de medicalização da sociedade e de segmentaridade arborificada construídos, respectivamente, por Michel Foucault, Roberto Machado e Gilles Deleuze. Quando retrata o eugenismo internacional, conversa com Raquel Palaez, André Pichot e Nancy Stepan. Com relação a esse movimento, na sociedade brasileira, seu principal interlocutor é Renato Kehl, e em grau menos significativo, Monteiro Lobato.”

Então, essa tese mostra o papel da eugenia, principalmente na Faculdade de Medicina, que para lá foi levada por Dr. Arnaldo. Então, eu queria te colocar esses princípios filosóficos da questão da eugenia e da faculdade de medicina, principalmente com Renato Kehl. Vamos lá.

(Vídeos são exibidos)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Vamos lá, Marco Aurélio. Deputado Marco Aurélio.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Pela ordem, presidente. Está caminhando para o final dessa audiência, dessa CPI. Vim colocar uma pergunta final, como aos três, ao

Vinícius, ao Renan e ao Artur, se pudessem responder eu agradeceria. Vocês fizeram os relatos de vocês e agora foram passados vídeos dos relatos anteriores, de outras sessões de CPI. Então a pergunta que eu faço é: após esses relatos que foram passados aqui, vocês querem retificar alguma coisa que vocês disseram ou vocês ratificam tudo que vocês disseram? Vinicius.

O SR. VINÍCIUS DINIZ – Eu ratifico tudo que eu disse. No Show Medicina você bebe se você quiser, deixar bem claro isso. O Show Medicina não é homofóbico, não é homofóbico... Desde sua estrutura, seus participantes, não é homofóbico. E assim... Existem diversas câmeras espalhadas pela faculdade, espalhadas pelo próprio teatro... Então a questão de prostituição é uma denúncia absurda. É uma denúncia absurda.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Renan.

O SR. RENAN MALONI – Eu corroboro com meu colega Vinícius.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Você ratifica, então?

O SR. RENAN MALONI – Isso. Nunca presenciei nenhum tipo de trote como esse que eles descreveram.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Artur.

O SR. ARTUR DANILA – Eu também ratifico meu depoimento. Não posso afirmar que isso não possa ter acontecido, mas de forma alguma isso é uma prática institucionalizada do Show Medicina. Acho que se isso aconteceu, esses trabalhos dessa comissão devem servir pra gente mudar qualquer desvio que haja dentro da universidade pra gente promover uma sociedade mais justa.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Senhor presidente? Por gentileza, considerando que os relatos expostos aqui pelos nossos três participantes, aos quais nós agradecemos, e considerando o que foi colocado aqui, em termos de mídia, eu entendo que nós não estamos falando com as pessoas corretas, porque são duas universidades. Uma, a que se quer colocar, que é representada pelo poder, pelo silêncio e pela (ininteligível). E a outra, que é a maior degradação existente. Isso posto, eu imagino que não temos mais nada a perguntar pra ninguém, porque senão vai ficar: “ratifico, ratifico, não ratifico” e não vai levar ninguém a lugar nenhum. Então eu acho que nós poderíamos aproveitar o tempo e, se o senhor permitisse, o professor Antônio teria algumas palavras pra colocar que eu acho que seriam bem interessantes.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Obrigado, deputada. Obrigado a todos, obrigado aos depoentes, aos nossos convidados da Faculdade de Medicina. Agradeço a presença dos advogados, tão respeitosa, e vamos ouvir o professor Antônio, que é a pessoa que fez o maior trabalho, 14 anos, sobre a pesquisa no trote nas faculdades no estado de São Paulo. Muito obrigado. Os depoentes estão dispensados. Agradeço a cortesia. Eu dispensei as homenagens mas agradeço. Vamos lá, professor Antônio, vamos começar com a parte da verdade, agora. Vamos falar de trote. 14 anos de pesquisa.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Essa universidade que sai não é a universidade que a CPI está pesquisando, portanto, não faz muita diferença ficar ou não.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Muito obrigado. Professor Antônio, com a palavra.

O SR. ANTÔNIO RIBEIRO ALMEIDA JÚNIOR – Deputado Adriano Diogo, Deputada Sarah, Deputado Marco Aurélio... Eu queria agradecer a oportunidade. Eu considero que essa CPI está colocando não só a discussão sobre o trote na universidade em outro patamar, mas está colocando a discussão sobre a Universidade Paulista e brasileira em outro patamar. Essa é a realidade. Eu não tenho dúvida, como pesquisador, de que os relatos que a gente assistiu no vídeo são absolutamente verdadeiros. Eu tenho 14 anos ouvindo a mesma coisa. Um lado diz que não acontece nada, que é tudo brincadeira, que é tudo espontâneo, que a pessoa faz o que quer, e o outro lado denuncia.

Antes de falar da apresentação, eu trouxe aqui uma lista de vítimas de trote na Esalq. Eu vou ler e acredito que algumas dessas pessoas possam ser convidadas. Talvez elas queiram falar, talvez não, mas os casos são tão graves que eu acho que vale à pena eu mencionar. Felipe Lima Fernandes Ribeiro.

Em Piracicaba há uma coisa chamada “Bishow”, ou havia. Não sei se desapareceu mesmo ou se está mais secreto. É uma coisa talvez mais precária, não tão ensaiada como o Show Medicina, mas o Bishow acontece ou acontecia até alguns anos atrás. Esse Felipe Lima Fernandes Ribeiro foi para um Bishow. Era um aluno de primeiro ano e nesse Bishow os alunos mais velhos, se não gostam do quadro apresentado, eles muitas vezes arremessavam objetos, tomates, ovos, cebolas, etc., nos alunos de primeiro ano. E nesse dia esse aluno e o Jorge Yamashita Filho, e outros alunos de primeiro ano, revidaram e jogaram de volta os objetos que estavam...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Professor, só pra retomar: o senhor vai fazer uma retrospectiva dos casos graves que ocorreram na Esalq, é isso?

O SR. ANTÔNIO RIBEIRO ALMEIDA JÚNIOR – É, alguns casos.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Alguns casos. Então é muito importante. É a primeira vez que o professor Antônio vai fazer o registro de casos que não foram apurados na Esalq. Ele vai fazer uma retrospectiva de vários anos da Esalq. Como o professor faz 14 anos, ele é o maior arquivo, tem os melhores trabalhos. Tudo documentado e praticamente vai ser a base do relatório da CPI. Com a palavra, Deputado Carlos Alberto.

O SR. CARLOS ALBERTO BEZERRA JÚNIOR – PSDB – Só pra efeito de Ata e registro, só dizer o que é Esalq...

O SR. ANTÔNIO RIBEIRO ALMEIDA JÚNIOR – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Então, vamos lá. Para quem tiver interesse, nós estamos diante da pessoa, várias contribuições, a forma mais organizada, sistemática e documental no estado de São Paulo. Com a palavra, professor Antônio.

O SR. ANTÔNIO RIBEIRO ALMEIDA JÚNIOR – Então, esse Felipe Lima, em função desse conflito que se estabeleceu quando houve esse revide desses objetos jogados, e o Jorge Yamashita, e outros alunos, fugiram; e esses dois alunos subiram no muro que tem no fundo de um antigo centro acadêmico e pularam para um telhado vizinho. Ao fazer isso, eles tiveram uma queda. Caíram desse telhado e o Felipe Lima Fernandes Ribeiro teve uma fratura exposta no braço e perdeu parte dos movimentos do braço. Esse caso eu

acredito que nunca houve nenhuma sindicância sobre ele, até onde há meu conhecimento.
O Jorge Yamashita Filho...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Isso foi em que ano?

O SR. ANTÔNIO RIBEIRO ALMEIDA JÚNIOR – Eu não tenho certeza, deve ser 2001, 2002. O Jorge Yamashita Filho teve uma fratura do cóccix e abandonou a universidade. Também o caso dele nunca foi, até onde eu sei, objeto de sindicância ou qualquer outro procedimento.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Esse Jorge abandonou a faculdade?

O SR. ANTÔNIO RIBEIRO ALMEIDA JÚNIOR – Abandonou a faculdade. O João Pedro Fesel foi ameaçado de agressão, coagido, saiu, inclusive, no Jornal de Piracicaba, por se posicionar contra o trote. Também até onde eu sei não houve nenhum tipo de sindicância.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Mas ele recebeu alguma proteção ou não, professor?

O SR. ANTÔNIO RIBEIRO ALMEIDA JÚNIOR – Não creio que tenha recebido.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Retaliação?

O SR. ANTÔNIO RIBEIRO ALMEIDA JÚNIOR – Não sei os detalhes. O que eu sei é aquilo que saiu no jornal. Eu conversei com ele, na época, ele me relatou essas ameaças que ele sofria e a proteção, até onde eu entendi, era uma proteção feita por amigos dele. Ele procurava não andar mais sozinho.

O José Hamilton Aguirre Junior sofreu um “pascu”. E ele fez um boletim de ocorrência e foi aberta uma sindicância. Esse é um caso mais velho, 1997. Mas o interessante desse caso do José Hamilton, a sindicância consta lá nos arquivos da Esalq mas a página onde está a conclusão da sindicância, quer dizer, quais foram as punições ou quais foram as resoluções tomadas pela direção não constam do arquivo.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Elas sumiram?

O SR. ANTÔNIO RIBEIRO ALMEIDA JÚNIOR – Não sei, não vi. Elas não se encontram no arquivo. Aliás, nesse arquivo, na numeração das páginas falta algumas. Esse aqui é interessante porque um dos agressores, que era um menino chamado Gustavo Chiari Nery Barreira, dois anos depois, ele organiza... Ele é o presidente do centro acadêmico, ele organiza uma semana de recepção e recebe da Universidade de São Paulo uma menção honrosa por melhor semana de recepção. Essa menção honrosa é entregue, tem a foto, vou mostrar a foto... Se eu puder mostrar a foto já, está bem no final da apresentação... Aqui está a foto. Então está o vice-reitor da USP entregando uma menção honrosa pra esse menino, que dois anos antes constou de uma sindicância e tinha um boletim de ocorrência contra ele. Então está aqui o vice-reitor da USP à época, não me recordo o nome, acredito que seja a pró-reitora de graduação, e o diretor da escola.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – É esse que a sindicância está faltando folha?

O SR. ANTÔNIO RIBEIRO ALMEIDA JÚNIOR – É.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Parece que a amnésia é institucionalizada, né?

O SR. ANTÔNIO RIBEIRO ALMEIDA JÚNIOR – Então eu fico pensando na vítima, quer dizer, a vítima vendo essa cena aí... Depois tem o caso do Francisco José Guimarães Malheiros Neto. Esse menino entrou em coma alcoólico e foi conduzido à unidade básica de saúde do campus, onde aplicaram glicose nele, pelo relato que eu tive, não sei até onde é verdadeiro, e esse aluno, pelo que consta, ele era diabético. Um outro caso é o caso do Gabriel de Paula Paciência, um menino de Orlandia. Esse menino abandonou a Esalq depois que colocaram álcool no corpo dele e ameaçaram colocar fogo. Tortura. Todos esses casos acho que são casos muito graves.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – É de que ano?

O SR. ANTÔNIO RIBEIRO ALMEIDA JÚNIOR – Acredito que seja 2003, por aí. Realmente não tenho a data exata em que isso ocorreu.

Alexandre de Marcos Barbieri. Esse menino teve um surto psicótico. Eu conversei com a mãe dele. A mãe dele disse que tem fotos do filho amarrado e sendo mordido pelos colegas. Eu pedi a ela cópia dessas fotos e ela nunca me enviou. Estou entregando isso aqui ao Deputado Adriano Diogo. Nesse papel consta alguns telefones. Acredito que alguns ainda sejam válidos, outros talvez sejam antigos, já, mas acho que tudo isso dá substância ao tipo de agressão e ao tipo de consequência que o trote tem. Desses casos todos, até onde

eu sei, o único que foi objeto de sindicância foi o do José Hamilton. Os outros não foram objeto de sindicância da faculdade.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Isso aí foi numa gestão, né? Foi um período que tinha uma gestão?

O SR. ANTÔNIO RIBEIRO ALMEIDA JÚNIOR – Sim, acredito que seja na gestão do diretor, desse diretor. Eu queria mostrar um outro documento. Esse livro aqui, quando a Esalq fez 100 anos, a Esalq, não sei a fonte do recurso que patrocinou isso, como isso foi feito, mas a Esalq distribuiu para as pessoas que participaram dos 100 anos, este livro, chamado: “Pequeno dicionário amoroso da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz”. Esse livro tem um capítulo chamado “trote”. Eu vou ler um trequinho aqui. Esse capítulo é uma coisa impressionante, mas eu vou ler um trecho aqui: “ (...) mas dois trotes marcaram época, a Castração sem Dor e o Bundobol. A Castração sem Dor era um trote assustador, que terminava em grande alívio. Amarravam um tijolo...” eu peço desculpas às pessoas pelos termos, “amarravam um tijolo com um barbante longo no saco do bicho e ele ficava segurando o tijolo com as duas mãos enquanto era vedado. Por alguns minutos os veteranos ficavam fingindo querer arrancar o tijolo do bicho. Apavorado com a dor que sofreria quando isso acontecesse, o saco seria puxado pelo barbante. Só que sem que o bicho soubesse, o barbante era cortado silenciosamente, e ao fim da tortura, finalmente alguém arrancava com força o tijolo. Sem dor. Sempre terminava em alegria geral”. É interessante ler aqui: “e, ao fim da tortura”...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Os próprios autores reconhecem que existe tortura na universidade.

O SR. ANTÔNIO RIBEIRO ALMEIDA JÚNIOR – O Bundobol era um jogo de dois contra dois. Os bichos jogavam nus e deviam pegar uma bolinha com a bunda, passar de um parceiro para o outro e marcar um gol em uma cadeira furada e os outros dois deviam impedir a jogada, sempre com a bunda. Em geral, as partidas eram muito curtas, terminavam em zero a zero e todo mundo ria muito. Eram trotes violentos? Não, embora pudessem assustar os bichos. Então essas declarações estão no livro de comemoração dos 100 anos da Esalq.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Muito provavelmente não foi usado o ânus de nenhum dos dois autores.

O SR. ANTÔNIO RIBEIRO ALMEIDA JÚNIOR – Não posso... Saber... Não sei de nada. Então eu queria ler um outro trechinho aqui que foi publicado no meu livro, nesse livro aqui: “Universidades, preconceitos e trotes”, que é um trechinho que eu acho que é característico dos abusos. Ele é de uma república da Unesp de Guaratinguetá, se não me engano. Depois posso verificar isso com mais cuidado. Tem aqui: “Direitos do bicho: 1. O bicho não tem direito” e o item nove, que eu acho que é o mais explícito, o item nove diz assim: “os direitos do bicho à vida, à liberdade e à igualdade garantidos na nossa Constituição, não são válidos na Unesp”.

Eu tenho denunciado essas coisas há muito tempo, eu nunca tive uma reação. Sempre tive uma reação da mídia, alguma reação de alguma autoridade, de apoio, etc., eu tenho comunicado isso à todas as pessoas que eu posso, tenho feito o máximo de esforço pra revelar tudo isso e acho que essa CPI realmente é uma coisa de extrema importância pra universidade brasileira. Eu espero realmente que isso tudo possa modificar esse espírito que sequestra a universidade.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Professor, só uma coisa: na última apresentação, no dia em que estava o reitor aqui, o senhor iria fazer uma

retrospectiva de todo o material que estava salvo, de reportagens estaduais e brasileiras, sobre a questão de uma retrospectiva, de uma colagem. Tem ele à disposição? Porque a gente interrompeu a sua fala e o seu depoimento, os seus documentos, você é a base do relatório da CPI. O senhor podia rerepresentar? Nós interrompemos de uma forma indevida, é que nós estamos com pouco tempo, mas é importante que o senhor pelo menos reproduza essa colagem que o senhor fez aquele dia, por favor.

O SR. ANTÔNIO RIBEIRO ALMEIDA JÚNIOR – Não vou fazer a reapresentação de tudo senão demorará muito. Só vou fazer a parte que eu não falei. Aqui é o caso do Edson, a universidade não chegou a nenhuma conclusão à respeito do caso Edson. Os organizadores puderam ir à mídia e dizer que não tinham visto nenhuma violência. A universidade não puniu ninguém.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E ainda contratou o melhor advogado criminalista do Brasil pra defender os alunos.

O SR. ANTÔNIO RIBEIRO ALMEIDA JÚNIOR – Então, o caso do Edson, aqui. Esses trotes machistas estão colocados aí, acho que no caso de São Carlos, que houve toda uma agressão, porque as moças foram questionar a questão das “bixetes”. Eu trouxe também alguns links que depois eu vou passar. Tem um link que é interessante de ver. Se a gente colocar “mastiguiinha”, “bixete”, vai cair num site que tem um grupo de meninas fazendo mastiguiinha, que é passar da boca de uma para a outra alimentos... Enfim, está na internet, isso. Então, os meninos tiraram a roupa para afrontar as pessoas que estavam questionando o tratamento machista das meninas chamadas de bixetes.

Todo ano tem casos...

(Deputado Adriano Diogo passa orientações inaudíveis ao fundo)

Estou exibindo o caso de São Carlos, da USP de São Carlos, dos meninos que ficaram pelados para hostilizar as feministas. Dentro do campus, eu creio. Eu não tenho

certeza se foi dentro do campus mas acredito que tenha sido dentro do campus. Todos os anos são publicados diversos casos de coma alcoólico, então é uma coisa frequente. Dizer que não há pressão pra ingestão de álcool, que não há coerção, etc., não é verdade. Essa coerção é recorrente, veja aí a situação, as fotos, as matérias de jornal são abundantes nisso. Aqui é um caso do Mato Grosso do Sul, a OAB pressionando para que haja uma sindicância. Isso aqui acho que é muito grave: trote violento. Não tem que ter trote, nenhum trote, é zero. Chega. Chega de aceitar essa desculpa: “estamos só fazendo uma brincadeirinha”, porque a brincadeira é isso que a gente ouviu aqui, a brincadeira é a obstrução da CPI, obstrução da polícia e obstrução da justiça.

Outro caso: polícia identifica veteranos suspeitos de aplicar trote violento em Barretos. Então há alguns casos em que há envolvimento policial, há alguns casos em que há punições, não é sempre que não há, mas a quantidade de punições é mínima, mínima. E quando ocorrem as punições elas ocorrem rápido. Se não foi punido em um mês, dificilmente será punido. Eu tenho, na verdade, centenas de casos desse tipo, eu estou passando isso tudo para o Deputado Adriano Diogo, esse material está sendo transformado em um material escaneado. Esse aqui é um caso emblemático: um menino de 16 anos levou três golpes de tesoura e morreu. Ele nem era ingressante. Ele só passou no lugar errado, na hora errada e foi confundido com um ingressante, numa escola de ensino médio.

Aqui são meninos de Curitiba, da PUC de Curitiba. Então, no caso das escolas privadas, a gente tem que atentar à associação entre trote e cobrança de mensalidade. Há uma estrutura, em algumas escolas, em que os alunos mais velhos pagam menos. Isso reforça a ideia de hierarquia. Todos os anos também tem pessoas machucadas com queimaduras e coisas assim, ou com reações alérgicas em função de pinturas e outras coisas. Esse aqui é o caso de uma grávida que foi queimada em trote e fez um ultrassom pra checar o estado do bebê.

A questão do racismo: aqui a caloura Chica da Silva, da UFMG. Pessoas fazendo uma saudação de tipo nazista; morte em Mogi. Esse é um caso que foi punido. O agressor foi condenado à prisão, mas mesmo tendo a morte, os alunos de Medicina de Mogi novamente acusados de trote, muito depois. Quer dizer, isso revela que a ocorrência de uma morte é depois negada, a vítima é culpabilizada, como se ela fosse a responsável pelo incidente e as coisas continuam. Peixes mortos, melancias...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Isso é da onde e a data, professor.

O SR. ANTÔNIO RIBEIRO ALMEIDA JÚNIOR – Isso é da Federal do Rio de Janeiro, da Medicina. A data... Aí é o aluno de 14 anos com queimaduras por trote. E sempre essa história, sempre o trote violento. É como se fosse fácil separar a brincadeira do trote violento. E não tem isso, não dá pra fazer isso. Aquilo que é violência pra um é brincadeira pra outro. Porque essas coisas são subjetivas. E não há nenhum motivo razoável que a universidade possa argumentar, que algum intelectual possa argumentar pra justificar você levar alguém ao limite. Se você leva alguém ao limite, acho que você está correndo risco, do ponto de vista culposo, que alguma coisa dê errado e a pessoa acabe tendo um problema. Então aqui, ingestão de álcool, novamente. E vejam que continua: é 2011, são coisas recentes. Essas práticas continuam plenamente.

(Deputado Adriano Diogo passa orientações inaudíveis ao fundo)

Eu precisaria das matérias inteiras, aqui estão fotos de parte das matérias. Nas pastas que eu entreguei pra você tem as matérias completas, aí vai ter a informação completa. Essas pastas estão sendo copiadas aí pela assessoria, acho que o Cícero está fazendo isso.

Aqui é o caso de Franca, calouro tem o cabelo e o pescoço queimados durante o trote. A foto não está muito boa, não tem a data. Tiago Rosa... Aqui são outros casos, Gazeta do Povo, do Paraná. Então eu coloquei o material não só do estado de São Paulo para evidenciar que não é um problema paulista, é um problema nacional, é um problema nacional. Eles estão deitados no chão, atitude de submissão. Tem uma pessoa pisando nas costas de um aluno, aqui. Evidenciando mesmo que se trata de um processo de submissão.

Aqui um dos poucos casos: “Universidade expulsa aluno por envolvimento em trote”, da Federal de Uberlândia. Esse aqui é um caso em que os alunos foram colocados...

Colocaram um aluno em um formigueiro. E o aluno foi picado, teve algumas dezenas ou centenas de picadas por formiga. É típico de tortura. É tortura no grau mais evidente.

Aqui é um caso na Faculdade de Veterinária e Administração da Universidade de Brasília. Não tenho. Desculpa, deputado. Aqui a questão da nudez, uma garota dizendo que teve que ficar nua em trote. Esse em 2007, Folha Online. Gabriel Batista. “UnB proíbe trote sujo e prevê punição a alunos que desrespeitarem as regras”.

Então é sempre assim: a universidade não expulsa, a universidade não suspende, a universidade não passa esses documentos à promotoria pública nem à polícia e quando o escândalo acontece vem e diz “alunos podem ser expulsos, vamos abrir uma sindicância e tal” e as coisas continuam. Isso não só em São Paulo mas no Brasil todo.

Aqui são da Universidade Federal de Goiás, “Trote Universitário: depois da UnB, calouros da UFG são humilhados e agredidos por veteranos”. Aqui, o MPF de Mato Grosso do Sul recomenda o fim dos trotes universitários. “O Ministério Público Federal ajuizará ação contra instituição de ensino superior que não proibir o trote. Vítimas podem denunciar”. Acho que a instituição precisa ser responsabilizada pelo que faz ou não faz.

Isso, Geologia da USP, Geociências da USP, que é um caso problemático da USP. Todo ano tem problemas. Banho de lama e não só banho de lama. Banho de lama pra mim caracteriza preconceito de classe, mesmo, porque você coloca o aluno de primeiro ano da geologia na condição do garimpeiro. Que é a mesma coisa dos alunos da Esalq, que usam um chapéu. O aluno de primeiro ano, aquele que não vale nada, é colocado na condição do trabalhador braçal daquela área.

Esse aqui é o caso da Esalq, dizendo a um jornal de 1997, se não me engano. Os problemas são antigos e não são resolvidos. Aqui um aluno dizendo que chegou a pensar que ia perder a visão. Ele teve os olhos atingidos por tinta. Suspeita pode ser expulsa. Então é sempre assim: “a suspeita pode ser expulsa”. Agora, se a gente perguntar à universidade quantos suspeitos efetivamente foram expulsos...

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – É sempre naquela condição, né: “Poderá haver punição, poderá ser expulso, sindicância vai apurar”, quer dizer, sempre numa frase que

num primeiro momento dá até a impressão de que está moralizando. Se for analisar o que está escrito, vai nada.

O SR. ANTÔNIO RIBEIRO ALMEIDA JÚNIOR – Se a gente acompanha os casos como eu tenho acompanhado, os casos de expulsões, existem alguns, mas eles são raros.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Tanto que são poucas as matérias que dizem: “fulano foi expulso”, fulano foi punido. Isso você não vê aí.

O SR. ANTÔNIO RIBEIRO ALMEIDA JÚNIOR – É claro. São poucas. Eu diria, mais do que expulsar, embora expulsar eu ache que seja importante em alguns casos, a universidade precisa fazer uma campanha forte, corajosa, contra os preconceitos, contra os desrespeitos aos direitos humanos, contra essa cultura que o Deputado Adriano Diogo chamou de neonazista, que eu acho que cabe mesmo.

“Aluna diz ter sido obrigada a lambar pênis de boi em trote na Bahia”, saiu no Globo. “Comissão começa identificar autores dos trotes violentos”. São José: “calouros do ITA sofrem com trotes violentos”. O ITA é o caso que não apareceu aqui na CPI mas é uma instituição que também tem uma recorrência de trotes. “Unicamp apura trote violento no campus”. Então tem casos de alunos forçados a comer grama e outras coisas. Comer grama era uma prática do Streicher. Os alunos são levados a comer grama. O Streicher era um dos principais do nazismo e uma das práticas que ele fazia com os judeus era obrigá-los a comer grama. A mesma prática. Só corroborando a ideia de que são práticas semelhantes.

“Polícia e Unesp prometem apurar casos de trote violento”. No caso de Botucatu, que é a Unesp de Botucatu... A Unesp de Botucatu também acredito que não tenha aparecido na CPI mas também é uma escola que tem práticas muito violentas de trote. Frequente os problemas, as denúncias. A cidade de Botucatu, inclusive, chegou a proibir práticas como o pedágio em trotes nas ruas. A Câmara dos Vereadores. Aqui é a Unesp

montando comissões para ajudar a polícia no combate aos trotes violentos. Mesma época, mesma pessoa. Carlos Gamieiro. É, o diretor de lá.

Então, na lama. Guarapuava. Trote violento na UEPG manda estudantes para hospital. Paraná. “Calouro é ferido com tesoura em trote proibido na UniSantos”. Então aquilo que as pessoas dizem: “olha, cortar o cabelo não tem problema nenhum”. A minha experiência como pesquisador é que o corte do cabelo é um dos momentos mais perigosos. Então é recorrente incidentes na hora do corte do cabelo. Espancamentos, ameaças, tesouradas e coisas assim. Não tenho o ano. Não sei, não sei se isso é possível, se seria besteira, mas talvez o corte de cabelo obrigatório devesse ser considerado lesão corporal”. Não sei, estou... Bobagem, esqueçam.

Aqui é o Mario Cesar Caliman, acredito que ele seja da “PUCamp”. Esse menino, por algum motivo da profissão dele, não podia cortar o cabelo, e ele se recusou a cortar o cabelo e o atacaram. Ele fugiu e ao fugir ele passou no meio de um matagal e foi picado por várias aranhas. Calouro da “PUCCamp”. Aí, de novo: “Universidade pode expulsar”. É sempre isso. “Polícia apura arma de brinquedo em trote”, “morte colocou o trote em cheque”; “primeiro trote do Brasil acabou em morte”. O primeiro trote que se tem registro, até onde eu sei, ocorreu em 1831, no Nordeste. 1831, está no livro do Glauco Mattoso, Calvário dos Carecas, que eu acho que é um livro fundamental pra quem quer conhecer o que é o trote. Talvez seja a maior pesquisa histórica de tudo que eu conheço, do mundo, da literatura toda que eu vi, Glauco Mattoso.

Aqui são calouros da Geologia da USP, que foram induzidos pelos veteranos a beber aguardente no primeiro dia de aula. Cinco deles foram alcoolizados. A Folha de São Paulo fez a cobertura bastante correta. O reitor se recusou a falar sobre o caso e disse que eles eram maiores de idade. Na verdade, acho que dois ou três deles eram menores de idade. Aqui uma aluna da Unimep, que é outra universidade de Piracicaba, sofrendo trote também em ônibus. “Faculdade de Jundiaí nomeia comissão para apurar trote”. “Unicamp flagra veteranos com tesouras”. Muitas vezes esse tipo de foto, com as pessoas completamente pintadas e tal, visivelmente acuadas, são mostradas como um trote que é só alegria, que não tem problema nenhum. “Trote leva alunos à prisão em São João”, acho que é São João da Boa Vista, isso. “Polícia Civil investiga trotes violentos contra

universitários”, Diário da Serra, acredito que seja Botucatu. “Trote criminoso”. “Universidade suspende aula após trotes”, Espírito Santo do Pinhal.

Aqui é o caso do Felipe, de Piracicaba: “aluno diz que foi atacado mais de 50 vezes”. Do agrotóxico... Jogam agrotóxico nele. Aqui é uma matéria, acho que uma entrevista comigo: “trote universitário não é tradição, é relação de poder”. ‘Polícia registra caso de trote violento com aluno da Esalq’. Aqui é o aluno que denunciou, aquele caso lá da foto, que eu mostrei aqui, da menção honrosa, que é o do José Hamilton. “Trote violento submete calouros à humilhação em São José dos Campos”.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Onde que é esse aí, em São José? Na Univap?

O SR. ANTÔNIO RIBEIRO ALMEIDA JÚNIOR – ITA. Instituto Tecnológico da Aeronáutica. As escolas militares são um caso à parte, né. Os trotes ser bastante violentos nas escolas militares. Eu não me dediquei muito a pesquisar os trotes militares porque acho que aí também já extrapola até... Enfim, acho que não é minha tarefa. Aqui é o mesmo caso lá da Geociências. “Polícia instaura inquérito por causa de trote violento”, Espírito Santo do Pinhal. “Vagabundagem universitária começa no trote”, da Marilene Felinto, é um artigo muito bom. “Trote violento”. “Trote fere estudante na PUCCamp”. “Fim de uma brincadeira de péssimo gosto”, morte do Edison. “Pai acusa universidade de acobertar alunos assassinos”, do Edison Hsuet. “Edison não soube reconhecer tigres selvagens”, “Pai de estudante diz que educação tradicional impediu filho de perceber perigo em festa de calouros”. “Trote violento queima aluno de 15 anos”, “Seis calouros ficam feridos em trote no Rio de Janeiro”. “Eu tive os pulsos amarrados, conta calouro”...

Não, aqui acho que é outra matéria, que a hora que eu fotografei veio outra coisa junto, acho que não tem... Desculpa”. “Promotora pode indiciar 200 por morte de calouro”, que é o caso da USP, do Edison. “Trote violento na USP marca as matrículas”, “Poli destaca 15 seguranças para vigiar”, “Trote leva aluno da Unimep ao hospital”, “Trote continua mesmo com proibição”.

Então, deputados, isto aqui é uma amostra. Eu entreguei um conjunto muito maior do que essas fotos aqui para o Deputado Adriano Diogo, elas estão sendo escaneadas para a CPI, eu não sei quantas matérias tem, mas são centenas, o que mostra que é recorrente, que é uma coisa frequente, é sistemático, não tem uma coisa... Não é um incidente isolado. E acho que essa CPI serve pra isso, pra revelar tudo isso.

“Depoimentos reforçam trote violento na USP”, “Calouro viu veteranos bebendo pinga”, “Ministério Público Federal pede providências contra trote violento em 10 instituições do Mato Grosso do Sul”, “Nova fase é motivo de apreensão”. Então, ao invés de ser realmente uma comemoração... “Alunos de Leme são expulsos por trote violento”, todos tiveram que rolar em uma lona com fezes, esterco e restos de animais em decomposição”.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Custou pra ter uma matéria: “foram expulsos”.

O SR. ANTÔNIO RIBEIRO ALMEIDA JÚNIOR – Foram expulsos. Tem algumas, tem alguns casos. Mas, de novo: quando expulsam, expulsam logo, é rápido. Quando começa assim: “vamos abrir uma comissão de sindicância, e tal”, e passa um mês e dois, não sei o quê, quase sempre...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Colocou no pretérito perfeito, não tem futuro...

O SR. ANTÔNIO RIBEIRO ALMEIDA JÚNIOR – “Trote com fezes e urina é investigado em Pernambuco”. Isso, aqueles que são repórteres, que querem ver isso aí, basta colocar, a internet está cheia desses vídeos, as pessoas têm coragem... Às vezes, no site das instituições públicas, as fotos de trote.

“Após trote, universitário fica em coma alcoólico no Rio Grande do Sul”, “Universidade investiga trote com fezes e animais em Pernambuco”, “Prática é sinônimo de violência”, “Morte de calouro fica sem resposta”... Essa é São Paulo, Fuvest, da Folha de São Paulo. “Universidade apura denúncia de abuso sexual em trote”, “Reitor da Universidade Federal Fluminense, Roberto Sales, determinou abertura de sindicância para apurar denúncia de uma aluna que teria sofrido assédio sexual durante o trote”, “Trote em universidade de Diamantina deixa 11 alunos com queimaduras graves”, aqui é o mesmo símbolo que vocês usam na CPI. “UnB vai promover campanha contra trotes violentos. Iniciativa foi tomada após divulgação de fotos com calouras aparecendo ajoelhadas e lambendo língua”.

A SRA. SARAH MUNHOZ - PCdoB – Mas aí ninguém classificou: o que é violento pra um pode não ser para o outro e o inverso. Então, assim, trote violento: pra mim, o fato de me darem um beliscão já é violência. Pra mim, Sarah, se me derem um beliscão já é violência.

O SR. ANTÔNIO RIBEIRO ALMEIDA JÚNIOR – Claro. Então eu acho que qualquer tipo de intervenção no corpo do outro, na liberdade do outro, na capacidade do outro de fazer as coisas por livre e espontânea vontade, acho que é o Artigo Quinto lá da Constituição. Não vou explicar isso pra vocês, que são da Comissão de Direitos Humanos da Assembleia.

Daqui, “UFRJ vai investigar alunos na Faculdade de Medicina”. Então é isso, deputados. Eu quero mais uma vez agradecer, dar os parabéns a vocês (Aplausos) e dizer que pra mim não há trote aceitável, é zero de tolerância com essa prática. Uma prática desumana que distorce a formação das pessoas. Eu fico muito constrangido de ver que a Universidade de São Paulo pode dar títulos de médico a certas pessoas e outros títulos também. Então é isso. Isso foram coisas que eu consegui coletar. Eu, como pesquisador, não tenho condições de coletar o universo, é um trabalho pra...

“Calouro vai para HPS”, deve ser hospital, “após beber em trote. Estudante de 17 anos, com corpo pintado e roupas rasgadas foi encontrado caído na rua e precisou ser socorrido pelo resgate de Juiz de Fora”, calouro da arquitetura e urbanismo da Universidade Federal...

A SRA. SARAH MUNHOZ - PCdoB – É, esse era menor, 17 anos.

O SR. ANTÔNIO RIBEIRO ALMEIDA JÚNIOR – Vejam as fotos das pessoas deitadas... Não creio que essa situação seja uma situação que as pessoas escolham, sem nenhuma pressão. Então eu agradeço novamente, muito obrigado e estou à disposição dessa CPI para aquilo que a CPI precisar. (Palmas.)

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – Senhor presidente, eu quero registrar que eu acho que essa sessão de hoje foi de muita valia, porque desde o começo a gente vem vendo relatos e sendo negados. Agora hoje ficou de uma maneira muito clara a negação. Então eu queria fazer aqui um alerta. Eu lembro quando eu era vereador, de oposição, eu era um só na Câmara, professor. Quando eu fazia projeto, ia contra o interesse econômico, tinha gente que falava assim: “olha, Marco, cada vez que você faz esse projeto aí você ajuda a engordar o bolso do outro lado”, porque daí aumenta o preço do outro lado pra manter a posição antagônica. E a gente tinha que tomar cuidado para que essa CPI também não inflacione a proteção daqueles que negam, porque foram muitos corajosos os depoentes hoje aqui, eles criaram uma imagem e defenderam essa imagem, mesmo ao final, com depoimentos contrários ao que eles relataram. Eu perguntei: “vocês retificam ou ratificam?”. Perguntei para que constasse em ata. Eles ratificaram. Então precisamos tomar cuidado porque ao tomar como verdade outros relatos, de que quem nega e participa tem uma certa proteção na universidade e na carreira, evidentemente que quem vem numa CPI e sustenta, o prêmio tem que ser maior. Então só tomar cuidado para que a gente não esteja inflacionando, entre aspas, o que eles vão ganhar pelo que fizeram. Pois não, Deputada.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – O senhor está coberto de razão, mas é que hoje foi um dia muito especial porque nós conseguimos ver as duas fotografias que são contadas. Nós tínhamos aqui um psiquiatra, R3, carreirista, frio, calculista e bem orientado. O senhor ali sentado, cronometrando um sexto anista que sequer pode se mexer da cadeira, e aqui nós tínhamos o Vinícius que, muito provavelmente, veio sob pressão, porque o estado emocional dele chegou a ponto de eu perguntar para o advogado dele se ele precisava ir para a enfermaria, porque ele estava passando mal e era um típico... É só olhar o filme, nós vamos verificar que era uma pessoa que estava sob coação para fazer um relato que fosse conivente e desse a cortina de fumaça necessária para que um que mora na casinha, que nunca vai na casinha, porque ele fica 60 horas... E ele colocou aqui que existe trabalho escravo dentro da USP, porque são entre 60 e 78 horas em trabalho escravo. Um aqui que já... Impressionante a frieza dele. Esse vai ser um assassino profissional. E o outro que estava ali morrendo de medo de tudo e um que veio pra intimidá-los. Portanto, eu entendo que o que o senhor está falando é absolutamente pertinente, só também gostaria de colocar que hoje nós conseguimos juntar numa mesma CPI duas fotografias do mesmo fato e, reproduzidas em veracidade, em real time.

O SR. MARCO AURÉLIO – PT – E agora, e aí eu entendo, senhor presidente, que, se por um lado nós temos... Um conjunto de pessoas negam e que até me parece que se beneficiam disso, também existe um outro grupo de pessoas indignadas desejosos que essa CPI dê resultado, veja agora a última apresentação do professor, com um trabalho tão bonito que ele fez. Isso aumenta nossa responsabilidade. Aumenta, porque acho que a esperança que está sendo colocada nessa CPI, por parte desses, é muito grande. Então eu queria falar aqui, talvez eu esteja chovendo no molhado, porque pode ser que V. Exa. já tenha providenciado isto, mas eu acho que nós temos que ter o melhor corpo jurídico possível pra acompanhar o relatório final, para os encaminhamentos, porque nesse caso, eu vejo, inclusive, que o próprio Ministério de Educação e Cultura, que homologa os cursos, eles têm que também, não sei se existe esse termo, “desomologar”, porque se é um Governo

Federal que permite a existência de uma faculdade, ele tem que permitir a existência de uma faculdade pra formar médicos e não pra acontecer o que está acontecendo. Então eu acho que a gente pode estudar com o corpo jurídico que essa casa tem para ver quais são todas as possibilidades que a gente tem e não ficar apenas um relatório que fique (ininteligível) da casa. Não, acho que isso é pouco. Nós queremos que daqui pra frente haja uma nova realidade. E eu desejo que com isso, senhor presidente, como prazo pra encerrar, vai coincidir com o final do mandato e esse trabalho, mediante tantos trabalhos que V. Exa. já conduziu, vai coroar a sua história, porque o senhor merece.

A tua história de defesa dos direitos humanos e da vida merece ter um relatório, merece ter uma conclusão desse trabalho que tenha exatamente o seu carimbo, do Deputado Adriano Diogo, que sempre lutou pela vida e pelos direitos humanos, e nós vamos, se Deus quiser, fazer isso. Até pra fazer justiça com a tua historia. (Aplausos)

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Endosso todas as suas palavras.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Obrigado. Eu só queria dizer realmente, primeiro, que o professor Antônio acabou de doar aqui para a CPI esse precioso documento que é o dicionário amoroso da Escola Superior de Agricultura Luiz Queiroz, que tem o relato sobre o trote. Eu queria dizer pra vocês dois que tem uma coincidência: nenhum de nós três fomos eleitos. Talvez isso faça bem pra gente, quer dizer, deve ter alguma coisa na nossa loucura que mesmo sem estar eleito, sem mandato, sem perspectiva, a gente está fazendo alguma coisa agora. Por que que está bom? Porque nós estamos trabalhando com um grupo, com um conjunto. Quando ele trazia esse negócio aqui pra fazer, eu falava “você é doido, imagina, isso aí vai dar confusão”. E aí a gente montou um time. Quando que a gente... Cadê o professor Antônio? Quando que a gente imaginou conhecer o professor Antônio, conhecer... O Dráuzio. Quer dizer, você viu os meninos hoje, estava aquela catarse aí, os caras falando, enquadrando, o outro veio lá pra enquadrar a gente, aí pôs os depoimentos, os testemunhais, desmontou, os caras ruíram... Agora, você tem razão: daqui a pouco nós vamos ter o Márcio Thomaz Bastos, foi contratado pela USP,

nosso querido mestre, foi contratado pela USP pra defender os caras que mataram o Edison Hsuet. Olha que... Você tem razão, você é bruxo, você viu como o negócio fica inflacionado.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Você viu como aumentou os honorários do outro, hein.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O que acontece: todas as sindicâncias que a USP mandou pra gente, depois da audiência, nenhuma teve consequência. Nenhuma, nenhuma, nenhuma... E aí, lógico que me emociona. Mas ninguém faz nada sozinho. Se nós três não estivéssemos juntos, se nós não tivéssemos esses meninos maravilhosos, corajosos, imagina enfrentar... Eu já não sabia mais o que perguntar para os caras, aí punha os depoimentos deles, maior silêncio... Aquele grupo da Atlético, os caras abaixaram a cabeça de envergonhados. Então, vale à pena lutar. A gente não pode achar que o crime compensa, que o crime sempre vence, viu, Felipe? Muito obrigado, muito obrigado. Você é um menino corajoso. A todos vocês. A todo o grupo de vocês, a todo o grupo. Muito obrigado. Estamos indo embora. A sessão está terminando, Obrigado, professor Antônio, um muito obrigado, professor Antônio. O senhor é um exemplo, um exemplo de dignidade, de conduta. O senhor é o nosso orientador. Muito obrigado.

Não havendo mais nada a tratar, está encerrada a presente sessão. Na realidade nós não estamos encerrando, nós só estamos começando o dia de amanhã. Obrigado.

* * *